

LUIZA F. DE CAMARGO PACHECO

ALICE



1903

Typ. Livro Azul-Castro Mendes & Irmão
CAMPINAS

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

D. LUIZA F. DE CAMARGO PACHECO

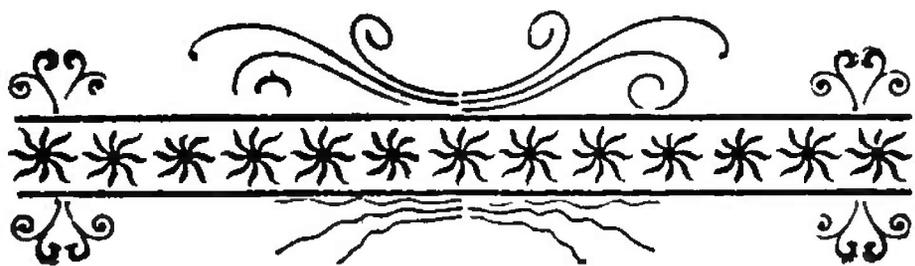


ALICE



1903

Typ. Livro Azul-Castro Mendes & Irmão
CAMPINAS



À' GUISA DE PREFACIO

Relegado á justa obscuridade que mereço, eu não teria acceitado a honra de apresentar ao publico este livrinho, si uma circumstancia todo fortuita não mo houvesse deparado ainda em manuscripto e si eu não tivesse visto nelle um signal positivo da regeneração social,—que constitue a meta dos meus mais fervorosos anhelos.

Quando a insinuante bondade do Sr. Silvano Ferreira Pacheco e a captivante gentileza de sua digna esposa, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Luiza Ferreira de Camargo Pacheco, me permittiram a leitura deste opusculo,— não busquei analysal-o sob o ponto de vista literario, nem me dei ao trabalho de respigar nelle, aqui e acolá, picuinhas grammaticaes ou violações das regras constringentes da esthetica impecavel.

Além de não ser esse o campo em que mourejo, ainda não me esquecerá também do principio soberano de que — « só o conjuncto é real. »

De mais, a concepção que tenho da Arte, segundo os moldes da doutrina, que, por minha insufficiencia, tão imperfeitamente adoptei e sigo, é — que ella tem por fim guiar ao Verdadeiro e ao Bom por meio do Bello.

Todas as producções que não satisfizerem os termos precisos desta formula, por mais empolgantes que sejam, não passarão, portanto, de floccos vaporosos, caprichosamente irizados, para deleite do olhar, ou de acusmatas ephemerias, para gaudio dos ouvidos, si não forem muita vez, como ordinariamente são, lentejoulas deleterias, que propinam aos sentidos — venenos seductores.

Não sei, pois, — e não me envergonho de confessar tal insciencia, — si este livro está ou não de accôrdo com os ensinamentos desta ou daquella escola literaria.

Sei que é um livro bom, e isto me basta.

* * *

Si este encantador romancete não colli-masse, através de meia duzia de paginas singellamente amenas, combater a deseducação e a irreligião, — duas fauces hiantes do mesmo terroroso abysmo, em cujas bordas está deploravelmente resvalando a nossa mocidade, que vae abandonando cada vez mais a cultura do sentimento, em troca de uma instrucção scientifica commummente mais frivola do que real, —

eu teria francamente aconselhado á sua distinctissima autora que o deixasse, no fundo de alguma arca vetusta e empoeirada, dormir o quieto somno dos documentos inuteis de um passado irrecordavel.

«ALICE» é, entretanto, a prova inconcussa de que o bondoso coração da Mulher não sabe desabrochar e expandir-se sinão em idéias meigas e doutrinamentos sãos.

Assim, o que mais se destaca nesta emocionante novella — ou é o perdão generoso, que força o delinquente a uma longa e dolorosa expiação de sua tenebrosa culpa, ou é o doce conceito da suave moral catholica, impulsando á virtude edificante.

Visando essencialmente o sexo affectivo, a quem a intelligente escriptora especialmente o consagra, este livrinho ha de indubitavelmente levar ao espirito de todas aquellas que são mães, ou que o hão de ser, — que é principalmente da falta de educação dos filhos sob a continua e insubstituivel superintendencia maternal que infelizmente decorre a irreligião, e, dahi, todo o lugubre cortejo de tantas irreparaveis desditas — domesticas, civicas e sociaes.

* * *

Campinas deve com razão ufaneiar-se de sua scintillante pleiade de fecundos talentos femininos.

Como si lhe não bastassem os nomes, — de ha muitos apothéosados, com indelével brilho, no templo da Immortalidade, — de Carlos Gomes e Francísco Quirino,

IV

—e intencionalmente me excuso de citar tantos outros de vivos illustres, cuja aureola de gloria se vae tambem projectando na de per si esplendente formosura do berço natal, — tem ella ainda tido a felicidade invejavel e rara de assistir á ridente eclosão intellectual de muitas «humanas rosas», para servir-me da gentil e bem adequada metaphora do grande cantor dos *Lusiadas*.

Foi aqui, nesta ditosa terra, fadada por um Destino bom a ouvir o primeiro vagido do maior musico da raça portugueza, foi aqui tambem que viu a luz do dia D. Maria Monteiro, organização artistica privilegiada, que a Morte arrebatou tão cedo aos fulgores da Divina Arte.

Foi aqui que D. Julia Lopes de Almeida iniciou a sua brilhante carreira literaria, publicando o seu livro de estréia, — *Traços e illuminuras*. Attrahiu-a, depois, um meio mais amplo, a cujos incentivos certamente deve a belletristica nacional tantas e tão primorosas producções, com que a tem enriquecido a festejada escriptora.

Foi igualmente aqui que a mentalidade culta e infatigavel de D. Josephina Sarmiento, professora eximia, se revelou ao grande publico em folhetins e bem burilados contos, dados á estampa no «Diario de Campinas», — um dos poucos jornaes sertanejos que lograram, até agora, deixar sulco profundo na ardua trilha da Imprensa indigena.

Foi ainda aqui que saíram dos prélos dois interessantes romances, devidos tam-

bem a penna feminina, tão modesta, porém, que só traçou o pseudonymo *Brasiliana* (si a memoria fragil me não falha), occultando aos applausos da critica o verdadeiro nome da valente prosadora.

Foi tambem aqui (e faz tão pouco tempo) que D. Ibrantina Cardona vibrou os sonoros *Plectros*, pondo em nítido destaque as refulgencias vividas do seu estro, servido por uma cálida e robusta imaginação.



A essa irradiante constellação feminina, que tem luminosamente exornado o fulgurante céu campineiro, vem agora juntar-se a talentosa autora de «ALICE».

Não fôra o receio de commetter uma indiscreção, aliás desculpavel, e, além disso, de offender a reconhecida modestia da joven escriptora, — eu diria aos leitores que não é sómente á literatura que ella consagra os seus lazeres: — é tambem musicista e, ainda mais, cultivá com extraordinaria facilidade e apurado gosto um dos mais difficeis generos de pintura, o miniaturesco, que em delicados e elegantes cartões ella sóe offerecer ás obras de caridade do collegio de Ytú, onde foi educada e onde tambem imaginou e escreveu este pequeno romance, dado á publicidade quasi que a contragosto seu.

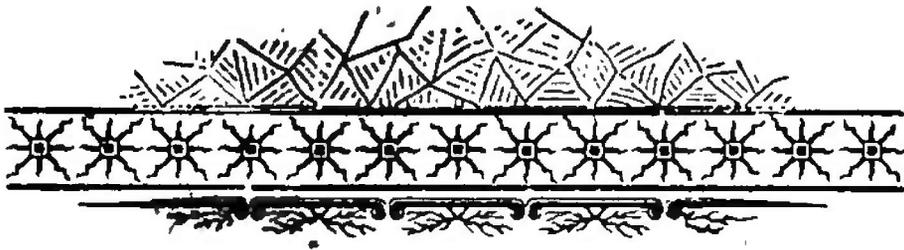
A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Luiza Ferreira de Camargo Pacheco peço permissão para

deixar nestas paginas, de envolta com os meus effusivos parabens pelo seu attra-hente e proveitosissimo trabalho, — que, estou certo, vae ser dignamente apreciado pelo publico intelligente e culto, principalmente pelos bem formados corações femininos, onde palpitam ainda, em incomparavel pureza, os nobrissimos pendores que mais dignificam a especie humana, — os meus cordiaes agradecimentos pela subida honra com que me distinguiu, — não propriamente de paranymphear o seu livro de estréia, porque para tanto me faltam justos titulos, — e sim de ter sido o seu primeiro leitor, bem depressa transformado em seu sincero admirador.

Basilio de Magalhães.

Campinas, 8 de agosto de 1903.





A'S LEITORAS



E' em vossas mãos cariciosas que venho humildemente depôr, leitoras amaveis, este primeiro e pallido ensaio de minha obscura penna, esboçado sobre o velho thema,—velho, mas sempre fecundo,—do “coração da mulher.”

Bem sei que me fallecem a erudição e o talento, necessarios a empreendimentos desta natureza.

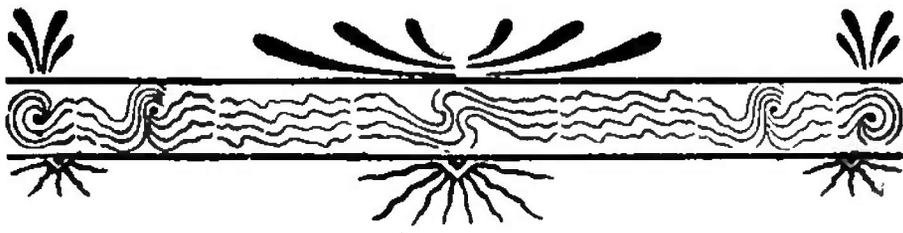
Estou certa, porém, de que sereis indulgentes para commigo, desde que souberdes que tive em mira, não gloriolas fallazes, e sim satisfazer a um devaneio de minha phantasia caprichosa, que me levou a exteriorizar e dar corpo, vestindo-o com os arrebiques da ficção, a um facto,

sinão real, pelo menos verosimil, e que encerra, como vereis, uma profunda lição da moral sublime do catholicismo.

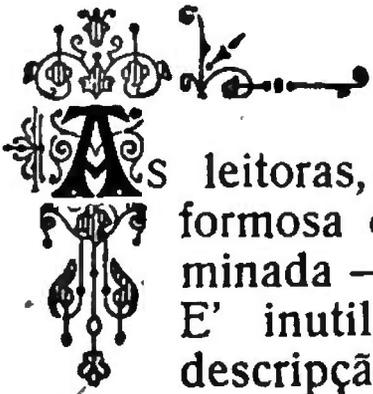
Eu vol-o entrego, pois, confiadamente, e por bem paga me darei do meu trabalho, si das lhanas paginas deste ligeiro escorço literario virdes transparecer que nada mais visei sinão contribuir tambem com o meu pequenino esforço para o bem geral, que repousa incontestavelmente nas bases solidas da Religião e da Educação.

A Autora.





I

As leitoras, de certo, conhecem a formosa cidade, com razão denominada — «Princeza do Oeste». E' inutil, portanto, fazermos a descripção della, nem nossa humilde penna poderia transvasar no papel os encantos da esplendorosa terra de Carlos Gomes.

Em confortavel vivenda, situada numa das ruas principaes de Campinas, residia, desde algum tempo, o dr. Renato de Sousa Castro, casado, havia tres mezes apenas, com a joven e graciosa Alice, filha do abastado fazendeiro — commendador Antonio de Carvalho.

Pertencia o dr. Renato a uma das mais importantes familias paulistas e contava

cerca de 28 annos. Alto, esbelto, barba e cabello pretos e olhos da mesma côr, denotava a sua physionomia um caracter energico, alliado a uma extrema bondade.

Sua encantadora esposa entrara na ridente alvorada dos 20 annos. Era de estatura regular e tinha os olhos e cabellos castanhos; possuia a sua tez o avelludado das petalas da rosa e a sua bocca pequenina deixava entrever, quando sorria, uma dupla fileira de dentinhos, alvinitentes como perolas. Não se podia dizer que Alice era uma belleza, no rigor pleno do termo; mas do seu todo parece que promanavam effluvios de sympathia e, logo ao primeiro olhar, adivinhava-se nella uma alma terna e sensivel.

Sabendo que a sua noiva gentil nutria pelas flores verdadeira paixão, Renato traçara e fizera plantar, no arminhoso ninho que destinara á sua residencia, um bellissimo jardim. A' entrada, elegantes palmeiras erguiam ao céu os seus leques viridentes, cuja sombra se projectava sobre a ampla bacia de alto repuxo, na qual nadavam peixinhos irrequietos. Nos canteiros, dispostos aqui e acolá com apurado gosto e fina arte, viam-se trepadeiras flexuosas, rubros cravos, alvas magnolias de aroma penetrante, modestas e olorosas violetas, niveos lirios, odoriferos resedás, além de muitas variedades de rosas, crotons, calladiums, pelargonios, e esplendidas collecções de orchideas raras, a que Renato ligava especial apreço, como tambem de chrysánthemos variegados, predilectos de Alice. A' direita, e num dos angulos do jardim, descobria-se, por

entre o verde-negro da folhagem dos arbustos e o matiz irizado das flores, um caramanchel todo entrelaçado lateralmente de madresilvas e encimado por enorme ipoméia.

Ao entrar alli pela primeira vez, não pôde Alice deixar de exclamar:

— Mas isto é um verdadeiro paraíso!

— Nem podia ser de outro modo, — lhe retorquiu Renato, — uma vez que nelle viria um anjo habitar...

A estas palavras, tão docemente lisongeiras, respondeu a moça com um sorriso caricioso e meigo.

Todas as vezes que não saíam a passeiar, pelas bellas tardes do delicioso clima desta terra bemaventurada, dirigiam-se ao jardim e, depois de algumas voltas vagarosas em torno dos lindos canteiros, encaminhavam-se para o caramanchão, onde ficavam muitas vezes horas e horas, embebidos no mais agradável colloquio.

Uma tarde, quando o sol dardejava os seus ultimos raios sobre o cimo elevado das palmeiras, depois de terem dado o seu passeio habitual pelas alamedas do jardim, para que Alice se extasiasse, como soía, deante das flores desabrochadas aquella manhã, foram ambos gozar do frescor retemperante das brisas vesperaes no aconchego do caramanchão bemquisto, e alli, recostando-se nos bancos, emquanto à moça terminava um monogramma, que estava bordando num lenço de seda, Renato, semi-deitado, poz-se a ler o «Jornal do Commercio».

Decorreu algum tempo, enquanto os olhos de um percorriam avidamente as longas columnas do grande organ de publicidade e os da outra acompanhavam os delicados movimentos da mão, dirigindo habilmente a agulha.

Por fim Renato, pondo de lado o jornal, rompeu o silencio :

— És capaz de adivinhar, querida Alice, em que é que estou pensando agora ?

E ella, alçando para elle os formosos olhos, lhe respondeu sorrindo :

— Não é difficil adivinhar o teu pensamento, neste instante : com toda a certeza estás pensando no que acabaste de ler.

— Quasi que acertaste. Acabo de ler um longo artigo relativo á grande exposição de Chicago e me occorreu subitamente a idéia de darmos um passeio até lá. Que dizes a isto ? Queres ir ?

— A tua vontade é a minha, — disse Alice ; — e, para onde fores, irei tambem satisfeita.

— Pois, então, está dito. Partiremos dentro de 15 dias.

— É exacto, então, o que estás dizendo ? Julguei que fosse mera brincadeira...

— Não, — retrucou Renato. — Falo serio e não sei si teremos occasião mais opportuna do que esta para fazermos uma viagem ao mesmo tempo util e agradável. Depois de alguns mezes de interessante

diversão, retornaremos ao Brasil e começaremos a trabalhar. Agora, enquanto nada ha que nol-o impeça, é justo que aproveitemos a mocidade. Não achas que tenho razão? Approvas ou não o meu projecto?

— Approvo, sim, por que não?,— respondeu Alice, — e, de mais; terei grande prazer em ir admirar tantas novidades...

— Então, é preciso que amanhã mesmo, sem falta, escrevas a teu pae, participando-lhe a nossa proxima partida e pedindo-lhe conducção, para irmos á fazenda apresentar-lhe as nossas despedidas.

— Sim...,— murmurou machinalmente a moça, dobrando e guardando o bordado.

Nisto, ouviram-se passos sobre a fina arêia do jardim, e logo depois apparecia uma preta trazendo o café, o aromatico e delicioso café, que um escriptor famoso denominou «o divino licor.» Empunhando as elegantes chicaras de fina porcelana, os dois esposos saboreiaram a lentos sorvos a incomparavel bebida, que é a riqueza principal desta região opulenta, e, retirando-se a criada, continuaram a conversação interrompida.

O astro-rei, envolvido no seu amplo manto de purpuras flammantes, já havia desaparecido no horizonte; os zephyros sopravam mais celeres, agitando a copa frondosa do arvoredos e espargindo pelo ar embalsamado petalas e perfumes; algumas estrellas começavam a marchetar o

firmamento com as suas luzes scintillantes,—e ainda os dois esposos permaneciam no caramanchel, embevecidos na idealização dos seus bellos planos de viagem.

Rénato, porém, vendo que já se fazia tarde, levantou-se, tomou pelo braço a esposa, e entraram em casa.

II

QUATRO dias depois da scena que acabámos de referir, um trolley, conduzindo um joven par, rodava pela estrada que ia ter á fazenda do commendador Antonio de Carvalho. As leitoras de certo já terão advinhado que eram Renato e Alice, que iam despedir-se da familia.

O dia estava claro e sereno. O firmamento ostentava um azul puro e diaphano, como o do bello céu italiano. O sol, no zenith, atirava profusamente os seus cálidos beijos luminosos sobre o matagal frondente, do qual saía um ruidoso concerto de trillos e zumbidos, de chios e gorgeios.

O caminho, coberto de espessa camada arenosa, era ladeado por densa floresta, em que o gigantesco jequitibá dominava a luxuriante pompa da nossa opima riqueza vegetal. Aqui, eram arvores centenarias de hartos troncos lisos, barbados de musgo, como os abetos de que nos fala o mavioso cantor de «Evangelina»; além, eram pontes de longas e flexiveis lianas, que pareciam destinadas a transportar de ramo em ramo as hamadryades dos mythos hellenicos; mais longe, trepadeiras de corollas rubras e epidendros de coloração bizarra punham tons de sangue e de vida na escura copa do arvoredos, onde se reflectiam os raios afogueiados do potente monarcha da luz.

O solo, juncado de folhas seccas, tinha, pela adustão estival, frequentes estalidos, similhando um ruminante que recebia e elaborava a alimentação habitual.

Apesar do calor, respirava-se alli mais livremente e como que o ar sadio e oxygenado, trazendo em suspensão os balsamos da mataria inculta, tonificava os pulmões, acostumados ao ar viciado das cidades de população condensada.

A' aproximação do trolley, bandos de passaros esquivos fugiam temerosos e iam pousar distantes, enquanto borboletas variegadas, agitando as asas setineas, esvoaçavam erradias de um e outro lado do caminho.

Entretanto, nem Renato nem Alice prestavam attenção á natureza pujante que os circumdava, tão entretidos iam ambos, elle em formar os seus planos de viagem, ella nos preparativos que exigia o projectado passeio.

Já haviam caminhado cerca de uma legua, quando começaram a avistar os primeiros cafesaes, cuja folhagem verde-negra denotava bom tratamento, — prenuncio de prospera colheita.

Alguns filhos da bella Italia, que trabalhavam á beira da estrada, ao verem passar a carruagem, tiravam respeitosa e o chapéu e davam um alegre «*buon giorno*», delicadamente correspondido.

Renato, consultando o relógio, fez ver a Alice que não levariam muito a chegar. Com effeito, dahi a uns vinte minutos, já avistavam as habitações dos colonos, todas caiadas de branco.

Um pouco mais ao longe, erguia-se o « castello feudal », denominação dada pelos amigos do commendador ao seu solar agrícola e que muito lisonjeava o amor-próprio do fazendeiro. Na realidade, era esta uma vivenda aprazível e magnificamente situada numa elevação de terreno, da qual se descortinava a bella paizagem de uma bem tratada propriedade rural. A casa, assobradada, era pintada de amarello, com janelas azues, em vivo destaque; á entrada, tres grossos pilares sustinham um espaçoso peristylo, ao lado do qual uma escada dava acesso ao interior. Tinha boa agua canalizada, um pequeno mas bonito jardim e um vasto pomar, que o fazendeiro se esmerara em encher com variadas especies das melhores arvores fructiferas.

No peristylo, tres pessoas aguardavam a chegada dos nossos viajantes: o commendador, sua esposa d. Chiquinha, bondosa senhora exornada de peregrinas virtudes, e Clarisse, sua filha mais moça. Era esta uma joven de 18 annos, bastante formosa e não menos sympathica. Nesse anno, tinha ella saído do collegio de Ytú, por occasião do casamento de Alice, para fazer companhia á sua mãe.

Mal desceram do trolly, e trocados affectuosos abraços e cumprimentos, seguiram todos para a varanda; e, uma vez alli, foi um chover de perguntas de todos os lados.

—Então, vão mesmo á exposição?,—interrogava d. Chiquinha.

—Em que vapor pretendem seguir e quanto tempo fencionam demorar-se por lá?,—inquiria o commendador.

E, enquanto Alice e Renato satisfaziam aquella natural curiosidade, d. Chiquinha, não se esquecendo dos seus deveres de boa dona de casa, retirou-se por momentos da varanda, onde pouco depois apparecia com uma refrigerante limonada, que foi muito bem acolhida por todos, pois o thermometro, nesse dia, marcava 32º centigrados á sombra.

Dois dias passaram os jovens esposos junto da familia e, no terceiro, despediram-se, não sem derramar Alice algumas lagrimas.

Clarisse, que ficara no peristylo, acenando com o lenço, até ver sumir-se completamente o trolly na curva da estrada, soltou um profundo suspiro e entrou para casa, triste e pesarosa. Para distrahir-se, foi logo tratar do seu canarinho belga, linda ave-sinha de que Renato lhe havia feito presente e que estivera bastante esquecida aquelles dois dias.

III

VOLTANDO a Campinas, Renato e Alice fizeram os ultimos aprestos para a viagem, despediram-se dos parentes e mais pessoas de amizade e seguiram logo depois para S. Paulo, hospedando-se em casa de d. Amelia, tia de Renato.

No dia seguinte, á tarde, enquanto Alice tinha ido, em companhia de d. Amelia, despedir-se de algumas amigas, Renato saiu a tratar de negocios.

Passava elle pela rua de S. Bento, quando **alguem**, tocando-lhe no hombro, o saudou alegremente :

— Você por aqui, Renato? Então, como vae?

— Bem, obrigado. E você, Eduardo?

— De saúde, optimamente, como você vê. De fortuna, porém, vou muito mal, pois ha dois dias perdi 30:000\$000 na roleta. E minha prima, como vae ella?

— Alice está boa.

— Você veiu a passeio ou a negocios?

— Nem a uma cousa, nem a outra. Estamos aqui de passagem. Amanhã seguimos para o Rio e de lá para Chicago. Vamos visitar a exposição colombiana. Tenciono, entretanto, ficar no Rio uns oito dias, afim de mostrar a Alice os principaes edificios e

as esplendidas bellezas naturaes da formosa capital brasileira. Não é justo que se conheçam terras extranhas primeiro que as da pátria amada.

— Sim, sim, pensa muito bem,— disse Eduardo.— Mas você certamente tem negocios a tratar, e eu aqui a caceteal-o... Saudades a Alice e acceitem ambos meus votos por que sejam muito felizes na viagem e se divirtam bem.

— Obrigado,— respondeu Renato, apertando a mão de Eduardo.

E separaram-se, tomando direcções oppostas.

Agora, permittam-nos as leitoras que lhes apresentemos, em poucas palavras embora, este novo personagem.

Eduardo, da mesma idade que Renato, era um esbelto rapaz, de maneiras insinuantes, trajando sempre pelo ultimo figurino e não se esquecendo nunca de trazer uma flor á lapella. Era, em summa, o typo completo de um perfeito dandy.

Este moço, que, a principio, parecia destinado, por sua origem distincta e grande fortuna, a um brilhante futuro, levava, ao tempo em que o encontrámos acima, uma vida das menos recommendaveis. Demasiadamente ambicioso, a sua occupação unica era, então, o jogo. Saindo de casa para a roleta e do club para o «Progrebior», do qual era um dos mais conhecidos *habitués*, não faltando nunca aos theatros e a outras diversões, debalde o seu velho pae, viuvo e já bastante adeantado em annos, lhe

escrevia constantemente, dizendo achar-se cansado dos arduos encargos da lavoura e pedindo-lhe que o fosse ajudar. Eduardo a nada attendia, e continuava a engolfar-se nos prazeres, olvidando de todo, não só os seus deveres filiaes, como tambem os que a todos impõe a moralidade social.

Eduardo, entretanto, teria sido um excellente rapaz, util á familia e á patria, si não fôra a pessima educação que recebera. Orpham de mãe aos cinco annos, dera-lhe o pae plena liberdade, satisfazendo-lhe os menores caprichos. Os seus pendores egoisticos não tinham sido comprimidos efficazmente e, assim, foi elle crescendo, como uma tenra plantinha que entortasse, açoutada por ventos fortes e maus, sem que a mão habil de um jardineiro solícito a fizesse tomar e seguir a direcção rectilinea.

A educação, principalmente quando es-tribada na base solida da religião catholica, é a chave de ouro que fecha para sempre a facil entrada do abysmo do mal e abre a porta sublime do templo excelso da virtude. Pois, si é certo que o coração é quem impulsa o homem, a intelligencia é quem o guia, e a civilização, por fim, dá-lhe o baptismo lustral, para tirar-lhe as asperezas com que veiu ao mundo.

Felizes aquelles que, no alvor da juventude, puderam receber dos carinhosos labios maternos o sopro vivificante do ensino catholico! A mãe é uma mestra insubstituivel, pois só ella é capaz de derramar, nos corações dos tenros rebentos humanos, o amor ao bem e a aversão ao crime.

Por que razão se vêem agora tantas desordens no lar e na sociedade, tantos desrespeitos á lei, tão grande anarchia intellectual? Porque será que tantos individuos de estirpe egregia e talento notavel, dos quaes era licito esperar serviços assignalados á familia e á patria, tombam muitas vezes no circulo medonho dos proscriptos sociaes?

Sondaes essa chaga cancerosa, que ameaça solapar cada vez mais o organismo da collectividade humana, e vereis que ella provêm da falta de religião, da religião que é, no dizer expressivo do santo bispo do Hippona, a saúde da alma.

Voltemos, porém, a Eduardo. Aos 10 annos, entrou elle para o collegio, e, como era bastante intelligente, fez rapidos progressos, sendo um dos primeiros da classe, não obstante a má vontade que tinha aos livros.

Entre os seus condiscipulos, havia um não menos talentoso do que elle, porém muito mais applicado e que, por isso, o eclipsava nos estudos. Chamava-se Renato de Sousa Castro, e, em razão do seu character lhano, franco e leal, gozava de muita estima por parte de todos os seus professores e collegas.

Eduardo, em quem o orgulho era a qualidade culminante, vendo-se abaixo de Renato, nutria por este a mais patente inveja, — um dos peiores algozes do coração humano.

Certa occasião, e por questões de pouca monta, houve entre ambos uma pequena

desavença. No dia seguinte, Eduardo, que tinha recebido da fazenda um caixote de doces, abriu-o á hora do recreio e offereceu a todos os collegas, menos a Renato. Os amigos deste, sabedores de tal indelicadeza, foram immediatamente ter com Eduardo, a quem devolveram os doces que lhes dera. Alguns dias depois, tendo Renato, por sua vez, recebido de casa latas de biscoitos e confeitos, distribuiu-os amavelmente pelos collegas e, nobre e generoso, como era, não se esqueceu de Eduardo. Este, rubro como um pimentão maduro, recusou asperamente a offerta gentil... De então em diante o numero de amigos de Renato augmentara sensivelmente, na proporção em que decrescera o numero dos amigos de Eduardo.

Renato, mal completara os 18 annos, foi mandado pela familia para os Estados-Unidos, em busca de um diploma de engenheiro; e, dois annos mais tarde, Eduardo se matriculava na faculdade juridica de S. Paulo.

Decorridos seis annos, ainda Eduardo, mais affeito aos divertimentos que ao manuseio dos livros, cursava a segunda serie de Direito, quando Renato, já formado pela celebre universidade de Cornell, voltava da grande republica norte-americana.

Afim de festejar a conquista de sua laurea e o seu retorno á terra natal, seus paes offereceram aos parentes e amigos um opiparo banquete, ao qual compareceu, entre outros convidados, a familia do commendador Antonio de Carvalho, já nosso conhecido.

Foi nesse dia que Renato viu pela primeira vez a encantadora Alice, e não occultou a Eduardo a impressão que a graciosa joven lhe causara.

Eduardo, que desde algum tempo requestava a sua formosa prima, cuja grande fortuna talvez o seduzisse mais que o seu bondoso coração, viu logo em Renato um rival respeitavel e, por isso, dois mezes depois a pedia em casamento.

Alice, na sua santa ingenuidade de moça inexperiente, enlevada apenas pelas maneiras insinuantes e pela bonita «estampa» de Eduardo, parecia disposta a acceptal-o por esposo. Interveiu, porém, em boa hora, e felizmente para ella, o seu velho pae, que, conhecendo assás as extravagancias e a indole perdularia do sobrinho, logrou dissuadil-a de precipitar-se no despenhadeiro do infortunio, a que por seguro a arrastaria semelhante enlace.

Eduardo se mostrou sobremaneira desgostoso e, aborrecido dos estudos, como de ha muito andava, tomou por pretexto aquella recusa, para abandonal-os por completo, entregando-se á dissipadora ociosidade, em que o encontrámos.

Mais feliz do que elle, Renato, cujo bello character lhe havia empolgado as sympathias da familia do commendador Carvalho, obtinha, um anno mais tarde, a mão de Alice, passando, logo depois do casamento, a residir em Campinas, como vimos no começo desta narração.

Agora, imaginem as leitoras como Eduardo, que desde os tempos collegiaes se mostrára pouco áffeioado a Renato, não havia de sentir o coração corroido pelo mais negro despeito, ao ver-se preferido por elle, até no amor e na fortuna...

Jamais Eduardo perdoaria a Renato semelhante ventura... Mas, todas as vezes que se encontrava com o engenheiro, não deixava nunca transparecer o menor vislumbre de rancor.

Latebat anguis...

IV

CHEGADOS ao Rio, Renato e Alice, tendo escolhido o vapor em que deviam seguir para a America do Nórte e havendo comprado as passagens, empregaram o resto do tempo em contemplar as maravilhas com que a Natureza e a Arte aformoseiaram a esplendida Guanabara.

Na vespera da partida, á tarde, quando, de volta de um dos seus agradaveis passeios, iam entrar em seus aposentos, pareceu-lhes ouvir uma voz muito conhecida a conversar com o gerente do hotel.

— Creio que conheço esta voz..., — disse Alice a Renato.

— Eu tambem, — lhe redarguiu o marido. — E, si não me engano, é a de teu primo Eduardo.

Com effeito, não se haviam enganado. Dahi a poucos minutos, vinha Eduardo cumprimental-os e participar-lhes que seria um dos seus companheiros de viagem.

Ouvindo isto, não pôde Renato reprimir um movimento de contrariedade, que, entretanto, passou despercebido, quer á sua esposa, quer a Eduardo.

Explicou-lhes este que, desejando aproveitar aquelle ensejo favoravel de uma diversão longinqua em tão amavel com-

panhia, tinha escripto ao pae pedindo-lhe dinheiro e promettendo-lhe deixar, á volta, a vida ociosa que levava e ir ajudal-o na lavoura. Mandara-lhe o pae 20:000\$000 e muitos conselhos bons... E alli estava elle, tendo, felizmente, chegado ainda a tempo...

Estava annunciada para o dia seguinte, ás 2 horas da tarde, a partida do « Washington », já surto no porto. Golfava-lhe a chaminé um denso pennacho de negro fumo; que, ascendendo em novellos, diluia-se no ar humido, empardescendo a athmosphera. Uma grande multidão de embarcações, de mastros esguios, que similhavam enorme floresta dissecada pelo sol ardente, repletavam as enseadas, cujas ondas vinham quebrar-se mansamente na praia, num contínuo vaivem.

O mar estava calmo e sereno, como o proprio mormaço que reinava então. Em sua superficie luzidia, similhante a um grande espelho convexo de aço ondulante, reflectia-se o immenso pavilhão ceruleo do céu, franjado de pequeninos cirrus. O sol, caíndo a pino sobre os cimos denteados dos Orgams, parecia refranger-se, num profuso stellicidio, sobre as aguas tranquilladas da formosa bahia.

Poz-se em marcha o vapor, e ainda não tinha transposto a barra, quando Alice lobbriçou, entre o grande numero de passageiros, physionomias conhecidas. Eram o dr. Amaral, sua senhora d. Carolina e sua filha Adelina, que tinha sido collega de Alice, em Ytú. Iam para o mesmo des-

tino, e este encontro foi motivo de intenso jubilo de parte a parte.

O manto fosco do crepusculo vinha tombando a pouco e pouco do oriente, quando o paquete dobrava a linha azul do horizonte. O mar parecia gemer uma psalmodia tristonha, de saudade vaga e indefinivel. Alice, vendo desaparecer as terras da Patria estremecida, sentiu confranger-se-lhe o coração, e pelas faces neviroseas lhe rolaram duas lagrimas ardentes, que ella colheu subito no lenço.

Tudo, depois, correu com invejavel calma, sem incidente algum digno de menção,

Grangeara facilmente Renato a affeição do seu collega, dr. Caetano Amaral, que era tambem engenheiro, e da familia deste, e, ao terminar a viagem, eram já bons amigos. A Eduardo, porém, não acontecera o mesmo. Não obstante os seus esforços para tornar-se agradavel, era manifesta a pouca sympathia com que era tratado, a bordo, por todas aquellas pessoas.

Doze dias depois, aportavam a New-York. Visitaram ligeiramente a colossal metropole, a segunda do mundo, depois de Londres, não deixando, comtudo, de ir ver o *Central-parc* e a phenomenal ponte de um kilometro de extensão, que a liga a Brooklyn.

Para ir da «cidade imperial» a Chicago ha varios caminhos de ferro, por um mesmo preço e gastando o mesmo tempo, passando ou por Buffalo e Détroit, ou por Pittsburgo e Cleveland, ou, finalmente, por Philadelphia, Pittsburgo e Cincinnati.

Preferindo este ultimo percurso, os nossos viajantes tomaram a *Great-Pacific-Rail-road* e, em verdadeiros hotéis ambulantes, que taes são os vagões daquella immensa rede ferroviaria, com leitos, salas de jantar, cozinha, restaurantes, salões de leitura etc., chegaram commoda e agradavelmente á enorme cidade que borda o lago Michigan—e na qual ao tempo se fazia a grande exposição, destinada a commemorar o quarto centenario do descobrimento da America.

V

O primeiro cuidado de Alice, uma vez installada no hotel, foi escrever á familia uma longa carta, relatando o seu feliz encontro com a familia do dr. Amaral, descrevendo as mais insignificantes peripécias da travessia e expondo as impressões que lhe causára o progresso febril da possante republica norte-americana.

Das muitas visitas que fizeram á cidade e á exposição, não nos é possível narrar fielmente o que sentiram os nossos *touristes*. Sabemos, porém, que, enquanto os dois engenheiros, cuja ida a Chicago visava menos se divertirem do que aperfeiçoarem seus conhecimentos profissionaes, estacavam demoradamente deante de locomotivas, machinas agricolas, instrumentos scientificos e outros artefactos de immenso valor pratico que tinham corrido ao certamen, Alice, d. Carolina e Adelina se extasiavam de preferencia na contemplação dos *bijoux*, dos *bibelots*, dos pequeninos nadas que mais agradavam ao seu sexo.

A seguinte missiva, dirigida por Alice á sua irmã, segundo promessa que contrahira antes da partida, demonstra bem claramente o que acabámos de affirmar:

« Minha querida Clarisse. — Pelo que escrevi a Mamãe, já debes saber que chegámos sem nenhum incidente desagra-

davel a esta cidade, que é, pelo menos, quatro vezes maior que a nossa formosa S. Paulo. Entretanto, conforme Renato ha dias me explicou, isto aqui, em 1840, era uma aldeiola de casas de madeira, que um pavoroso incendio destruiu completamente em 1871, para surgirem das cinzas sumptuosos palacios de pedra e tijolos, dois annos mais tarde. E, algum tempo depois, notou-se que as enormes casarias se iam afundando na vasa deposta pelas aguas do Michigan, á cuja beira tinham sido construidas. Apresentou-se, porém, um habil, um extraordinario architecto, que levantou todos os predios uns dois a tres metros, e isto sem interrômper o trabalho dos moradores, nem aterrorizal-os. E' pasmoso, não achas? De tudo o que temos visto, nada nos ha interessado tanto como o Edificio das Senhoras. E' uma soberba estructura, concebida por um cerebro feminino, de cujos nobres pensamentos surgiu não só o plano da obra, que mereceu de eminentes architectos os mais sinceros e justos louvores, como tambem a idéia de leval-a a cabo tão sómente por mãos do sexo affectivo. Com effeito, desde os alicerces até a delicada esculptura do tecto—tudo é absolutamente devido a mulheres. Basta dizer-te que, aberta a concorrência para a planta do edificio, apresentaram-se doze architectas, e foi tal a excellencia dos trabalhos exhibidos, que, só depois de longa e meticulosa deliberação entre os profissionaes encarregados de construir os grandes palacios da Exposição, foi concedido o premio a miss Sophia G. Hayden. O Edificio das Senhoras, que pertence ao estylo da Renascença.

italiana, foi erguido a noroeste do lago e mede 400 pés por 200. Consiste num grande pavilhão central, unido por arcadas, abertas no primeiro andar, a dois outros pavilhões lateraes. O primeiro andar começa a uns 10 pés acima do solo. Uma ampla escadaria leva ao pavilhão central, cuja entrada principal, em forma de arco, com columnas que chegam até o segundo andar, é enfeitada de moldura triangular em relevo. A uma enorme rotunda de 70 por 65 pés, da mesma altura do predio e encimada por uma claraboia bellamente adornada, dá accesso uma extensa galeria de 40 pés de largura. Todo o primeiro andar do pavilhão do sul é destinado á exposição de paleontologia com relação ás artes femininas e o do norte ás reformas e organização do trabalho e da caridade. A bibliotheca, o gabinete de informações e o archivo foram collocados na parte opposta á frente do edificio. No segundo andar, por cima da entrada principal, ficam as salas para as senhoras e os alojamentos das commissões. O vasto salão do club, onde se fazem as reuniões e conferencias, abrange todo o segundo andar do pavilhão do norte. No do sul ha modelos de baterias de cozinha, de ornatos de sala, indumentaria, leques, arandelas, biombos, tapetes etc. Emfim, si as senhoras nada mais tivessem feito do que expor este bello edificio, já teriam realizado o bastante para impor-se á admiração e respeito de todo o mundo civilizado. E basta por hoje, que esta já vae longa, e ainda tenho muito que te contar. Lembra-me sempre, a mim e a Renato, aos nossos bons Paes, que abraçamos affectuosamente,

e tu, minha dilecta Clarisse, recebe, de par com as saudações cordiaes de Renato, o coração saudoso, que te envia envolto em mil beijos, a tua irmã—ALICE. ~

Esta carta nos dá uma idéia bem nitida do que foi a grande exposição colombiana, a maior até agora realizada em o novo mundo. O Estado de S. Paulo jamais olvidará o extraordinario certamen, pois, dentre os nossos expositores que foram alli premiados, lembramo-nos da Companhia Central Paulista, Companhia Melhoramentos do Brasil, Companhia Industrial de S. Paulo, Companhia Paulista de Vias Ferreas e Fluviaes, Companhia Mogyana de Estradas de Ferro, Engenho Central de Lorena, Banco União de S. Paulo, Fabrica de Ferro do Ypanema, Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo, Lopes Camargo, Rheinfrank, barão de Tatuhy, Bueno de Miranda, major J. Ulysses Sarmiento e muitos outros, na parte industrial; na secção musical, foram premiados os maestros Carlos Gomes, João Gomes de Araujo, Alexandre Levy e Henrique Braga; e, na secção de pinturas, o mallogrado Almeida Junior valeu por um bom grupo de artistas:—elle, só, obteve tres premios.

VI

Os dias se succediam uns aos outros, rápidos e venturosos para Alice e Renato, que, sempre acompanhados pela familia do dr. Amaral e por Eduardo, não só faziam frequentes visitas á exposição, como tambem percorriam, em alegres passeios, os logares mais pittorescos da vizinhança.

Todos os quinze dias escrevia Alice á familia: á sua mãe, dando-lhe noticias de sua saúde; e á Clarisse, mais longamente, relatando tudo quanto observava no grande meio industrial. Suas missivas, respondiam-lhe, eram sempre anciosamente esperadas e avidamente lidas. Por sua vez, ella tinha constantemente novas dos seus, graças á irmã, que não se esquecia de informal-a de tudo o que se passava em casa, no Estado e até no resto do paiz e que pudesse interessar a Alice.

Ainda não havia tres mezes completos que se achavam em Chicago, quando uma carta de Clarisse á irmã dava-lhe a alarmante noticia de que o pae estava gravemente enfermo. Pensou a moça em partir immediatamente, mas o seu estado interessante, bastante adeantado, não lhe permittia, então, fazer uma viagem tão longa.

Duas semanas depois, outra carta, tarjada de preto, ia cobrir de luto a Alice e Renato, com a dolorosa participação do fallecimento do velho commendador Carvalho.

Este triste evento foi um golpe profundo e lancinante no extremoso coração de Alice. D. Carolina do Amaral e sua filha foram, porém, incansáveis em prodigalizar-lhe as consolações de que ella havia mistér, ante o infausto acontecimento.

Mal sabia a pobre moça que outro medonho revés lhe estava reservado pelos inexoráveis arcanos do Destino.

VII

DEPOIS da morte do pae, Alice, apesar das reiteradas instancias das amigas, que procuravam distrahil-a, não quiz mais sair a passeio, passando a maior parte do dia occupada em preparar o enxovalzinho do primogenito, que ella esperava para dahi a dois mezes, sendo ajudada mui eficazmente por suas boas amigas.

Um dia, logo após o almoço, Renato, o dr. Amaral e Eduardo foram fazer uma visita á exposição. Ao regressarem, Renato não vinha com elles. Inquieta por não ver o marido voltar, ia Alice perguntar por elle ao dr. Amaral, quando este lhe explicou que Renato, tendo-se encontrado com um seu antigo condiscipulo, fôra por este convidado a ir ver uns machinismos modernos havia pouco installados numa importante fabrica dos arredores e que, por isso, jantaria com o seu amigo, pedindo á esposa que se não incommodasse com a sua curta ausencia.

Alice passou o resto do dia pensativa e melancholica. A's cinco horas, foi com as amigas para a mesa, mas quasi nada comeu. Era a primeira vez, depois de casada, que jantava sem o marido. Uma nuvem sombria obscurecia aquella fronte, sempre tão calma e serena. Levantando-se da mesa, dirigiu-se aos seus aposentos e, como que para desviar o espirito dos tristes pensamentos que o assaltavam, tomou de um

volumoso relatório da exposição e pôz-se a folheá-lo. Mas em balde... A sua imaginação, longe de fixar-se nas linhas ou nas estampas da attrahente brochura, transportava-se para junto de Renato.

Decorrida meia hora, deixou o livro e foi recostar-se a uma das janelas que davam para a rua, procurando lobrigar o esposo entre os transeuntes. Não o vendo apparecer, tornou a pegar do folheto, manuseiando-o machinalmente. Dahi a pouco, dirigiu-se novamente á janela e alli se deixou ficar algum tempo em anciosa expectativa, até que, cansada de tanto esperar, sentou-se num sofá e mergulhou o rosto entre as mãos. Estava, assim, entregue ás mais negras apprehensões, quando ouviu dar oito horas. Ainda mais se augmentou a sua superexcitação nervosa. Foi novamente á janela, voltou em seguida ao sofá, e, enfim, não podendo soffriar por mais tempo a sua extraordinaria inquietação, resolveu ir á sala proxima, onde os hospedes costumavam ficar em animada palestra ou lendo jornaes, afim de pedir ao dr. Amaral ou a Eduardo que fossem procurar Renato.

Ao transpor a porta do seu quarto, ouviu passos apressados que subiam a escada. Suppondo que fosse o marido, correu a encontrá-lo; mas, no alto da escada, deparou-se-lhe o gerente do hotel, que chegava esbaforido e parecia querer falar-lhe. Nisto, Alice' olhou para baixo, deu um grito dilacerante e caiu redondamente no chão.

Nos primeiros degraus da escada vinham

dois *policemen* carregando o corpo ensanguentado de Renato: — a infeliz o tinha reconhecido!

O gerente pretendia chegar a tempo de obter que a familia do dr. Amaral preparasse o animo da desventurada moça, para receber o tremendo choque que ia despedaçar aquelle terno e caricioso coração: — mas a mão implacavel da fatalidade dispuzera de outro modo...

Ao ruido que produzira a quédia do corpo de Alice sobre o soalho, acudiram todos os hospedes que se achavam nos aposentos proximos e que ficaram dolorosamente commovidos, vendo a desditosa joven inerte e com o formoso rosto coberto de palidez mortal.

Foi immediatamente chamado, pelo telephone, o dr. Young, um dos melhores medicos da cidade, e, emquanto este não chegava, d. Carolina e sua filha prodigalizaram a Alice os primeiros cuidados.

Vejamos, entretanto, o que tinha acontecido ao infeliz Renato.

Quando elle saíra da casa do amigo, para voltar ao hotel, já a cidade se ia envolvendo no manto espesso do crepusculo. Era preciso atravessar uma rua ordinariamente pouco frequentada, para alcançar a linha dos *tramways* electricos. Ao dobrar uma esquina, pareceu-lhe ouvir um gemido abafado. Bondoso, como era, o seu primeiro pensamento foi correr em socorro da pessoa que assim manifestava seu soffrimento. Caminhou, por isso, em direcção ao ponto

donde partiam os gemidos, que, á medida que elle avançava, se tornavam mais distinctos. Pouco adiante, avistou um corpo extendido na calçada. Estugou o passo, e, chegando ao pé do desconhecido, inclinou-se sobre elle, para examinal-o. Mas, nisto, uma punhalada traiçoeira, vibrada por mão acostuada ao officio de matar, varou-lhe o coração:—e Renato, victima do seu devotamento, mal pôde murmurar—«Alice!», e caíu inanime, caíu para não mais se erguer!

O infame assassino, depois de tirar-lhe apressadamente o relógio, o anel e o dinheiro que havia na carteira, desappareceu.

Momentos depois, um transeunte, dando de repente com um homem prostrado em terra e vendo o passeio inundado de sangue, retrocedeu espavorido e foi promptamente avisar a policia, que não tardou em comparecer no local em que se dera o crime.

Revistando o desgraçado moço, afim de verificar-lhe a identidade, encontraram na carteira, que tinha ficado junto ao corpo, cartões com o seu nome e o endereço do ponto em que se achava hospedado. Feito o auto de corpo de delicto, o delegado mandou conduzir o cadaver para o hotel.

No dia seguinte, o dr. Amaral fez realisar o enterro do seu infelizmente amigo.

Relatando o funesto acontecimento, disseram os jornaes ter sido o roubo o movel do crime, pela falta de joias e do dinheiro da victima, e attribuiram o homicidio a

uma quadrilha de ousados gatunos, que, sob o commando de John Williams, infestavam Chicago aquella occasião.

E, com effeito, não se enganavam:—fôra aquelle celebre bandido quem matára o marido de Alice.

A policia empregou todos os seus esforços para capturar o feroz assassino; —mas emvão: todas as pesquisas foram infructiferas.

VIII

QUANDO o medico chegou ao hotel, ainda encontrou Alice desmaiada. Uma hora depois, recuperava ella os sentidos; mas uma febre violentissima se havia apoderado do seu organismo combalido. Delirava incessantemente, chamando a cada instante pelo esposo morto. Cria vel-o em mãos de assassinos e, cruciada por indizivel angustia, gritava com todas as forças:— « Soccorro! soccorro! miseraveis! bandidos! infames! soccorro!... » Depois, numa penosa exhaustão, numa verdadeira adynamia, tombava sobre o leito em profundo lethargo, do qual tão sómente saía para de novo delirar.

Foi nessa mesma noite, tão luctuosa, tão fatal á pobre moça, que lhe nasceu o filhinho, galante e debil criaturinha, para a qual a bondosa d. Carolina contractou logo uma ama forte e sadia.

Durante dez longos dias oscillou a misera viuva entre a vida e a morte: — mas, emfim, a sua natureza robusta, auxiliada pela sciencia do digno facultativo e pelos desvelos de que a rodeiaram suas boas amigas, triumphou na tremenda lucta com a « soberana dos sinistros imperios de além-mundo. »

Foi immenso o contentamento de d. Carolina e sua filha no dia em que o dedicado e operoso clinico lhes declarou estar Alice inteiramente livre de perigo. Tinham

cessado de todo a febre e o delirio, e ella já dormia, agora, um somno tranquillo e reparador.

Depois de algumas horas de repouso, a doente accordara. A irmã de caridade, que velava sempre junto a seu leito, correu a chamar o medico, segundo recommendação expressa que deste havia recebido. Quando o dr. Young, acompanhado pelas duas boas amigas de Alice, entrou no quarto da enferma, ella fixou em todos um olhar desvairado e interrogativo. Não se lembrava, talvez, do que se tinha passado; julgava-se, quiçá, ludibrio de um sonho mau...

Mas, depois de alguns momentos de silencio, ella como que leu na physionomia triste das pessoas que lhe cercavam o leito o horrendo successo que a havia quasi enlouquecido. E, conhecendo toda a extensão de sua irreparavel desdita, exclamou arquejante, no auge do mais cruel desespero :

— Oh! meu deus! Porque não morri tambem!?

E, occultando o rosto entre as mãos, poz-se a chorar amarga e copiosamente. Tomada de um tremor convulso, a infeliz soluçava desabaladamente...

O bom medico, vendo que esta crise poderia determinar uma recaída fatal á sua joven cliente, retirou-se do aposento, onde pouco depois apparecia, trazendo nos braços uma criancinha envolta em rendas e fitas. Approximando-se do leito, disse elle á enferma :

— Dona Alice! A senhora é mãe: — por isso, precisa viver, para criar e instruir este pequenino rebento, e guial-o na senda do dever. Basta de chorar, dona Alice! Resignação e coragem!

Depoz, então, o pequerrucho nos braços da inconsolável mãe. Ella cessou de soluçar, tomou o filhinho com ancia, mirou-o longamente com ineffável ternura, apertou-o contra o coração e lhe deu o primeiro, demorado e sonoro beijo, inundando de lagrimas ardentes aquelle rostinho formoso, para ella tão querido!

O excellente facultativo mais uma vez acertára com o verdadeiro remedio, com o mais efficaz lenitivo para aquella dor inenarrável. Todos se foram retirando discretamente, e, dentro em pouco, Alice estava entregue de novo a um somno calmo e profundo, tendo junto ao seio o dilecto filhinho, que dormitava, na beatitude angelica dos innocentes...

IX

TINHA sido longa a convalescença de Alice. Perguntando ao medico quando poderia retornar ao seio de sua familia, respondeu-lhe o doutor que ella ainda estava algum tanto fraca e que, por isso, a fadiga de uma viagem demorada ser-lhe-ia por certo funesta á saúde, fortemente alterada; que era, porêm, questão de pouco tempo, pois, a continuar como ella ia indo, não haveria talvez inconveniente em embarcar dalli a uns 15 dias.

Que outro recurso tinha a pobre moça sinão esperar a decisão do medico?

A familia do dr. Amaral aguardava tão sómente o restabelecimento completo da viuva, para trazel-a em sua companhia. Foi com os olhos marejados de lagrimas que Alice lhes agradeceu todos os obsequios recebidos e mais esta nova demonstração de sincera amizade.

Uma semana depois, fez-lhe o medico a ultima visita, para annunciar-lhe que dalli a uns sete dias podia ella regressar á Patria e que isto havia de influir sobremaneira para terminar-lhe a cura, que, então, dependia mais de effeitos Moraes do que de drogas, que apenas agem physicamente.

Retirando-se o doutor, sentou-se Alice á mesa, para escrever á sua mãe, que, por intermedio do dr. Amaral, já estava

sciente do infortunio da filha. A carta desta era participando a sua proxima partida e pedindo á familia que a fosse esperar no Rio.

Mal tinha assignado a missiva, ouviu bater á porta. Foi ella mesma abrir e deu de cara com Eduardo, que vinha informar-se de como ia ella passando. E acrescentou que muito desejava saber si a sua prima precisava de alguma coisa, pois elle punha á sua disposição os seus fracos prestimos, assegurando-lhe que teria immenso prazer em ser-lhe util.

Agradeceu-lhe Alice a delicadeza do offercimento, dizendo-lhe que nada necessitava então, visto como o dr. Amaral já se havia gentilmente encarregado de todos os seus negocios. Referiu-lhe, porêm, que acabava de escrever á sua mãe, e que o unico favor que, naquella occasião, queria merecer-lhe, — era o de levar aquella carta ao correio, quando saisse.

Eduardo ainda ficou algum tempo conversando com a prima, não se esquecendo de perguntar pela saúde do pequenito. Ao despedir-se, levou comsigo a carta, dizendo que ia immediatamente pol-a na caixa postal e que aproveitaria o ensejo para dar mais um passeio, antes do jantar.

Fazia pouco que Eduardo se retirara, quando Alice avistou casualmente, junto á cadeira em que elle estivera, um pequeno cartão. Apanhou-o e, vendo que era dirigido a seu primo, guardou-o, sem que tivesse a curiosidade de o ler, numa das divisões de sua pasta, para entregal-o

ao dono, na primeira oportunidade que se offercesse.

Um dia antes da partida, quiz Alice visitar, pela primeira e ultima vez, o tumulo do seu infeliz e sempre lembrado esposo. A familia do dr. Amaral se lhe associou no cumprimento de tão doloroso dever.

Chegando junto a sepultura do seu malogrado Renato, a moça nem sequer teve forças para ajoelhar-se: — tombou sobre a fria lousa sepucral e alli, banhada em angustioso pranto, ficou largo tempo orando.

Era para confranger o coração mais empedernido a attitude cruciante da desoladissima viuva.

Alli, sobre a campa do marido, tão cedo roubado ao seu affecto pela mão de um assassino feroz, ella similhava a propria estatua da dor inconsolavel.

X

DESPONTOU, finalmente, o almejado dia do retorno á patria. Foi sem saudades que Alice deixou Chicago, onde vira sua immensa ventura transmudar-se subitamente na mais tetrica desdita. Só um pesar profundo lhe lacerava o coração:— era deixar alli, sepultas em terra extranha, as reliquias mortaes do marido extremo, que ella não mais tornaria a ver e cujo tumulo talvez nunca mais pudesse regar com o seu amargo pranto...

Na primeira noite que passou a bordo do «Byron», recordou-se ella da tristeza inexplicavel que se lhe assenhoreara do espirito, quando embarcara no «Washington», em demanda dos Estados-Unidos. Teria sido um presentimento da enorme desgraça que lhe impendia sobre a cabeça? Lembrou-se tambem da tarde em que, á doce sombra do lindo caramanchel de sua confortavel vivenda campineira, lhe propuzera Renato a visita á exposição.

Estas reminiscencias estavam tão vivas no seu pensamento, como si tudo aquillo tivesse occorrido aquelle mesmo dia.

Ah! Houvesse ella adivinhado o porvir e jamais emprehendera aquelle passeio, de tão tristes, de tão funestos resultados!

E, si tivesse sido ella quem houvesse proposto a idéia de ir a Chicago,—que remorsos não sentiria agora?...

A viagem, entretanto, corria serenamente. O mar e o céu pareciam porfiar sobre qual fosse mais azul e mais calmo. Só o pobre coração de Alice é que vivia numa continua agitação, numa tempestade infundável de maguas torturantes. Alheia ás ruidosas alegrias de emtorno, fez ella toda a longa travessia de New-York ao Rio de Janeiro embebida em suas tristes recordações e nos cuidados que dispensava com a mais terna e adoravel solitudine ao seu galante filhinho.

O «Byron» entrou, finalmente, a ampla e formosa bahia da esplendida Guanabara. Ao desembarcar no caes, distinguiu Alice, entre a multidão agglomerada alli, sua velha mãe, Clarisse e seu primo Carlos de Aguiar, filho de d. Amelia, tia de Renato, e que se tinha offerecido para acompanhal-as ao Rio.

Mãe e filha, ambas trajando o luto pesado da recente viuvez, quando se apertaram nos braços uma da outra, não puderam conter as lagrimas, que se lhes jorravam em borbotões pelas faces.

Alli, teve Alice que separar-se da familia do dr. Amaral, que seguia para Porto-Alegre, onde morava. A pobre moça, banhada em prantô, exprimiu a todos a sua gratidão imperecivel, jurando-lhes que não olvidaria nunca tão dignas, tão bondosas, tão dedicadas amigas.

No dia seguinte, partiram para S. Paulo, onde a mãe de Alice, depois do fallecimento do commendador, fixara a sua residencia.

Uma semana mais tarde, era conduzido á pia baptismal o pequeno Renato, tendo por madrinha a sua veneranda avó materna e por padrinho o digno irmão desta, coronel Polycarpo de Queiroz, pae de Eduardo.

Logo depois que passou o primeiro aniversario da morte do commendador Antonio de Carvalho, Clarisse foi pedida em casamento por Carlos de Aguiar, e dahi a tres mezes era celebrada a cerimonia nupcial, ficando ambos residindo em companhia de Alice e de d. Chiquinha.

XI

A igreja da Sé era pequena de mais para conter a multidão de parentes e amigos que assistiam á missa do primeiro anniversario do infausto trespasse de Renato de Sousa Castro.

Terminada a solennidade religiosa, Alice saiu do templo apoiada no braço de sua velha mãe.

Naquelle modesto e singello traje de viuva, a moça estava realmente encantadora.

A côr negra do vestido ainda mais realçava a sympathia do seu semblante, onde a rosa disputava com a brancura do alabastro.

Os olhos castanhos, de uma languidez que contrastava com aquella ridente juventude, tinha-os bistrado o acerbo pranto, que os pisava sem cessar, que os amortecia continuamente.

Para a desditosa Alice, era aquelle um dia de dolentissimas recordações.

Passou-o immersa no mais profundo pesar.

A hora da missa, então, foi para ella de um supplicio indizível.

Como que a musica funebre, ecoando pelas amplas naves da Sé, ainda mais lhe

abria a ferida, que jamais cicatrizara e que agora sangrava de novo, profusamente.

Parecia-lhe ter deante dos olhos o corpo ensanguentado do seu infeliz Renato, victima de um assassino impiedoso, em terra extranha e longinqua...

E tinha ficado impune aquelle horrendo delicto!...

E as mais tristes reminiscencias lhe rolavam no espirito angustiado, cobria-lhe o coração amantissimo o crepe negro da dor e invadia-lhe a alma a mais pungitiva saudade...

XII

SÃO decorridos tres mezes depois do anniversario da morte de Renato, e Alice ainda traja o mais rigoroso luto.

Tanto ás pessoas de casa, como aos parentes e ás amigas que lhe observavam ser já tempo de allivial-o, respondia ella invariavelmente que era resolução irrevogavel a que havia tomado comsigo mesma, — de não deixar nunca aquellas negras vestes, que lhe lembravam a sua irreparavel e inulta desdita.

Uma tarde, ajoelhada deante de um pequeno oratorio, em seu modesto aposento, rezava ella o Angelus, emquanto o seu galante filhinho, no seu arminhoso berço, adormecia docemente.

Deixemol-a librar-se aos páramos sublimes do sentimento nas asas santas da religião mais affectiva que ha na face da terra, e ouçamos o que, pela mesma occasião, conversavam entre si tres rapazes, sentados á mesa de um dos mais frequentados cafés da Paulicéia.

— Não sei por que motivo, — dizia o Julio de Siqueira, — o Eduardo pouco apparece agora na sociedade. Anda tão macambuzio, depois que voltou dos Estados-Unidos, que ninguem é capaz de pensar ser elle o mesmo rapaz...

— E muita razão tem elle para andar assim, — obtemperou o Gustavo Amaral. — Vocês de certo já não ignoram que elle tornou agora a pedir a mão da prima e mais uma vez levou tabua. Disseram-me ha dias que o dr. Marcondes e o Armando Barbosa são tambem pretendentes á viuvinha. E, pelo que o Aristeu me contou outro dia, parece que o felizardo do Marcondes é que é o preferido... Muito moça ainda, bonita e, além disso, bastante rica, é um optimo partido, principalmente para o Marcondes, que, como vocês sabem, é um rapaz de talento, mas muito pobre.

— Pois fiquem sabendo, — interveiu o Frederico Azevedo, — que d. Alice não dá preferencia a ninguem. Foi o que ainda hontem me assegurou o Carlos de Aguiar. Ora, ninguem melhor do que elle, que é cunhado della, póde saber disso. Demais, uma das provas de que ella não acceita nenhum dos que a pretendem, é que, apesar de ter já passado ha muito tempo o primeiro anno de viuvez, ainda se conserva de luto fechado.

Os tres rapazes ainda conversaram algum tempo mais, porém sobre assumptos frivolos, que em nada nos interessam.

Voltemos a occupar-nos de Alice.

Tendo terminado a sua oração, ergueu-se e, depois de haver contemplado amorosamente o filho, que continuava em placido repouso, accendeu o bico de gaz, que dava sobre uma pequena mesa. Sentou-se junto a esta, abriu uma das gavetas e tirou uma pasta que encerrava accessorios de escripta;

em seguida, tomando da penna, dirigiu uma longa carta a Adelina, com quem não cessara de manter assidua correspondencia; e, mal sobrescriptava a missiva, ouviu bater 9 horas.

Foi, então, para sala de jantar e, depois do chá, retornou ao seu quarto.

Passava de 10 horas, e a moça, como não sentisse nem o mais leve indicio de somno, lembrou-se de pôr em ordem os seus papeis.

Tendo tirado os recibos, contas e folhas em branco, que pejavam a pasta, Alice, ao sacudil-a, para tirar-lhe algum pó que ella accaso tivesse, viu tombar de dentro um cartão sobre o soalho.

Apanhal-o e lel-o, — foi obra de um instante. Mas a viuva empallideceu, levou a mão aos olhos, como si quizesse afastar alguma visão horripilante, e se encostou á parede, para não cair. Dir-se-ia que aquelle pequeno pedaço de papel encerrava um toxico violentissimo, que se havia comunicado subitamente ao organismo da moça...

Era, de facto, um veneno, mas veneno moral, o que havia no cartão, que dizia o seguinte:

— « Sir Eduardo. — E' de todo o seu interesse pagar-me o resto da quantia que me deve. A policia anda em meu encalço, e, para que eu não cáia em suas garras, — o que poderia comprometter-nos a ambos, — preciso quanto antes sair desta ci-

dade. Estarei hoje á tarde no logar que o sr. já sabe. Não se esqueça do signal convencionado.—*John Williams.*—

—Meu Deus! meu Deus! Será possível?,—exclamou Alice, passando as mãos geladas e tremulas sobre a fronte inundada de suor frio.—Eduardo,—cumplice de um bandido? Então foi elle quem assalariou o braço do assassino? Que mal lhe fizera o meu Renato, tão bom, tão generoso, tão leal? Miseravel, infame Eduardo! Mas não, não é possível, não posso crêr em tão grande perversidade!... Entretanto, este cartão é uma prova esmagadora de que o punhal de John Williams foi vibrado pelo ouro de Eduardo... Ah! agora me recordo... Lembro-me bem da tarde em que elle voltou ao hotel, para procurar este cartão, que lhe havia caído do bolso. Estava muito agitado e me disse que ia em busca de um lenço de que se havia esquecido lá. Fiquei tão impressionada por minha vez, ao ver-lhe a physionomia trans-tornada, que nem sequer me occorreu que eu tinha, havia pouco, guardado este cartão para entregar-lhe. Perguntei-lhe si estava incommodado, si precisava de alguma coisa, e elle se despediu apressadamente, tendo investigado com o olhar todos os recantos da sala. Miseravel! Covarde assassino, ainda peor que o bandido que compraste! Amanhã mesmo vou denunciar-te á justiça publica, vou entregar-te aos tribunaes! Mas não... Não posso, não devo!,—clamou ella, depois de ter reflectido alguns momentos.—Isto seria levar á sepultura o venerando ancião que, por certo, não resistiria á dor de ver o seu unico

filho no banco dos réus! Que hei então fazer? Deixar impune o perfido homicídio do meu adorado Renato?!...

Alice não pôde continuar o seu soliloquio. O pranto lhe embargou a voz e ella tombou sobre uma cadeira, onde esteve longo tempo immersa nas mais dolorosas cogitações. Tiraram-n-a do seu mesto lethargo as doze pancadas da meia noite ecoando pela vastidão da casa em silencio.

Levantou-se, então, e foi deitar-se. Mas fôra' tão grande o abalo que soffrera, que só duas horas depois lhe foi possível conciliar o somno.

Mal se lhe haviam cerrado as palpebras, ella viu uma intensa claridade projectar-se do céu sobre o seu quarto e descer lentamente, envolta em nuvens luminosas, a figura serena e radiante de Renato. Viu-o approximar-se-lhe do leito e depôr-lhe um beijo sobre a fronte pallida, murmurando-lhe docemente ao ouvido:— «Perdoa ao meu assassino, sou eu quem to pede!» Viu-o em seguida dirigir-se ao berço do filho, osculando-o tambem e como que conversando com elle... Logo depois, as nuvens o velaram de todo e elle se esvaeceu espaço em fóra, deixando após si o mesmo rastro de luz...

Alice despertou sobresaltada, mas comprehendeu immediatamente que aquillo não passara de um sonho.

E adormeceu outra vez.

Pela manhã, quando ella se levantou, notando-lhe d. Chiquinha o abatimento das

feições, explicou a moça que tinha passado mal a noite.

Mas, a respeito do cartão, não disse uma unica palavra, e ninguem, sinão ella, sabia qual o verdadeiro culpado da morte de Renato.

Alice cumpriu o que a si mesma tinha promettido e que o marido viera pedir-lhe em sonhos.

E, assim, iam-se passando os mezes... Ella, triste, mas resignada, não vivia sinão para o filhinho idolatrado, no qual revia a imagem querida do esposo morto.

O meigo e louro Renato completara dois annos. Era o enlevo e a alegria de todos da casa; e, para a desditosa mãe,—a estrella fulgurante que brilhava no sombrio céu de sua existencia amargurada.

XIII

DUAS semanas depois que o pequeno Renato completara dois annos, achava-se d. Chiquinha na sala de visitas, conversando com o dr. Figueiredo, um dos mais conhecidos medicos de S. Paulo, onde era extraordinaria a sua reputação de especialista em molestias de crianças.

Com effeito, o illustre clinico era um verdadeiro apostolo da sciencia, á qual se votara de corpo e alma. De sua nobre profissão jamais fizera elle, como tantos outros, lucrativo commercio. Ao contrario, era de uma dedicação rara e de uma caridade extrema.

Ouçamos o que dizem.

— Então, doutor, que é que o sr. acha? Fale com franqueza: — ha esperanças de salvá-lo?

— Serei franco, minha senhora, posto esteja certo de affligil-a mais e inutilmente. A medicina, é com sincera magua que o confesso, é impotente contra a enfermidade do seu netinho. Elle está irremediavelmente perdido, a menos que Deus queira fazer um milagre.

— E esse milagre..., — ia dizendo a pobre senhora com doloroso accento; mas conteve-se, como que arrependida.

—...Deus poderia fazel-o, quer a sra. dizer, e o fará de certo, si for essa a sua vontade. Já exgottei todos os recursos ao meu alcance, e vejo a morte approximar-se-lhe do bercinho cada vez mais, de instante a instante. Lastimo profundamente a sorte de d. Alice... A sra. sabe que tambem sou pae... Mas, que havemos de fazer, sinão conformar-nos com os altos decretos do Omnipotente?...

—Coitada de minha filha!, — soluçou d. Chiquinha, por entre lagrimas que lhe sulcavam as faces.— Pobresinha! já tem padecido tanto! E quanto não vae ainda soffrer!...

O dr. Figueiredo, alma de escol e coração sensível a todos os infortunios, estava visivelmente commovido. Dirigiu mais algumas palavras de consolação á veneranda matrona e despediu-se, profundamente contristado.

D. Chiquinha seguiu logo em direcção ao quarto da filha, onde ha tres dias o doentinho estava immobilizado no leito.

O anjo da morte, com as suas asas gelidas, esvoaçava por sobre a cabecinha loura da criança.

Sentada junto ao berço do filho, Alice não desfitava daquelle lindo rostinho, ora tão macilento, o seu olhar afflicto.

Approximando-se della, aconselhou-a d. Chiquinha a que fosse descansar algumas horas, que ella ficaria velando o netinho.

Alice accedeu á vontade de sua velha mãe, pois havia tres noites consecutivas que a desventurada moça não dormia.

A natureza, vencida pela longa fadiga, succumbira, e ella, afinal, cedeu ao somno. Mas foi curto o repouso, porque a agitação em que ella tinha continuamente estado e a sua constante preocupação com a molestia do filho fizeram-n-a acordar pouco depois.

Seguiu logo para junto do berço do seu pequeno Renato, e a criança, como que sentindo-a, abriu os olhos e lhe estendeu os bracinhos.

Alice o tomou ao collo. O coitadinho estava branco, da brancura lactescente dos lirios e o seu olhar tão meigo tinha agora um brilho desusado. A terrivel febre que o minava havia attingido ao seu periodo derradeiro. Approximava-se o momento do desenlace fatal.

D. Chiquinha dirigia á filha palavras de conforto. Mas Alice, naquelle instante, não a escutava, absorta em intimas cogitações. Recordava-se do sonho que tivera naquella angustiosa noite em que fortuitamente descobrira o terrivel cartão, que lhe revelara todo um mundo de perversidade. Ella tinha visto Renato conversar com o filhinho... Não o teria, porventura, convidado a ir reunir-se-lhe?

A criança, immovel nos braços da mãe, tinha os olhos como que parados e fitos no tecto.

— Ma... mamãe!, — exclamou elle de repente, com a vozinha debil entrecortada pelos arquejos continuos da respiração offegante.— Os an...jinhos es...tão me... me chamando!... Dei...deixa-me ir brin... car com elles!...

Era o delirio que começava.

O olhar desvairado de Alice cruzou com o de d. Chiquinha e, pela expressão menciorea do semblante desta, viu que já nenhuma esperança lhe restava de salvar-se o seu querido filhinho.

— Ma... mãe! dei...xa-me ir..., ir..., sim?..., — tornou a criança a exclamar, com a voz cada vez mais enfraquecida, fitando agora na angustiada mãe o formoso azul de seus olhos, que já se iam vidrando.

Alice, com o coração confrangido pelo golpe inenarravel de ver expirar-lhe nos braços o ser em quem concentrava então o seu maior affecto, não podia pronunciar uma só palavra. Limitou-se a inclinar a cabeça sobre o seio, na resignação passiva da impotencia absoluta.

Dir-se-ia que o innocente Renato só esperava o consentimento de sua pobre mãe, para alar-se ás mysteriosas regiões do empireo... Sorriu para ella, soltou um tenue suspiro e cerrou as palpebras...

Era um botão de rosa que mal desbrochava á luz do dia: passou por elle a Ceifeira invejosa, viu-o tão bello, tão mimoso, tão puro, que não pôde resistir ao desejo de arrancal-o brutalmente da haste, com sua mão impiedosa e fria...

Reanimar aquelle tenro corpinho, que se ia aos poucos enregelando, em vão o tentou Alice com as lagrimas de fogo que lhe sulcavam as faces melancolicas, com os beijos ardentes que depunha naquelle rostinho desfigurado, com as palavras de caricioso amor que se lhe irrompiam, aos arrancos, dos labios contrafeitos.

E' impossivel descrever, com os deficientes recursos da linguagem humana, o soffrimento da desditosa moça. Sómente quem é mãe póde avaliar a dor infanda de Alice, ao perder o seu filho unico, para o qual sua affectuosa imaginação bordava um céu constellado de venturas. Revendo nelle o seu mallogrado esposo, embalava-se sempre na rosea esperança de que o pequeno Renato viesse a ser, como o pae, um homem intelligente, bondoso, leal, um perfeito cavalheiro, emfim. Que de castellos tinha ella erguido sobre a sorte do seu filhinho! E tudo isso ruíra inopinadamente, ao sopro lethal do Destino implacavel...

No dia seguinte, ás 5 horas da tarde, enchiam a sala de visitas do palacete de d. Chiquinha, que era na Villa-Buarque, muitas meninas vestidas de branco, para conduzirem a inditosa criaturinha ao cemiterio da Consolação. Deitado num caixãozinho todo forrado de setim azul, dormia o innocentinho o somno da eternidade. Os seus cabellos, louros como os raios do sol, caindo-lhe em anéis sobre a fronte, emmolduravam-lhe o semblante meigo como uma aureola de santo. Ao vel-o assim, de momento ninguem o diria morto: — parecia antes um anjo adormecido.

Sobre o pequenino feretro estavam collocadas muitas ricas e bem adornadas coroas, das quaes pendiam fitas com dedicatorias. Entre ellas, havia uma com o seguinte distico: — « Saudade eterna de Eduardo. »

Antes de tirarem o caixãosinho de sobre a mesa, quiz Alice beijar pela ultima vez o seu estremecido filhinho.

Approximou-se d'elle pallida e tremula, não podendo conter o pranto suffocado que lhe opprimia o peito... Osculou-o repetidas vezes, mirou-o e remirou-o longamente, como que para, mais indelevelmente ainda, gravar em sua retina aquella imagemzinha idolatrada, e, por fim, fechou ella mesma o caixão.

No momento em que as meninas transpunham o limiar da casa, levando-lhe o filho querido para o gelido seio da manhã final, a inconsolavel e desolada Alice caíu desfallecida nos braços de sua velha mãe, tambem debulhada em lagrimas impetuosas.

XIV

PARA já passado um mez, depois que o louro anjinho de Alice fôra dormir o somno derradeiro no seu pequenino jazigo do campo-santo.

A infeliz moça sentia no maguado coração o travo acerbo dos desenganos crueis, o amargor inextinguivel das desillusões inesperadas.

Não lhe illuminasse a alma dorida o clarão benefico da resignação christã,—e, certo, teria ella caído no abysmo tenebroso do mais profundo scepticismo.

Por um daquelles dias, estava ella conversando, na varanda, com sua velha mãe e com a bondosa d. Amelia, que alli se achava, numa de suas frequentes visitas.

A ambas manifestou Alice, sem reбуços e com a mais patente sinceridade, o desejo que de ha muito nutria de consagrar a Deus o resto de sua existencia, entrando para um convento.

—Qual! deixe-se disso!,— interveiu d. Amelia. —Você, ainda tão moça e bonita, como é, não deve andar com essas idéias. Eu sei de mais de uma pessoa que pretende a sua mão...

—Acabaram-se para mim as alegrias do mundo!,— exclamou Alice com voz

chorosa, meneiando tristemente a cabeça. —Tenho soffrido tanto, minha tia! Só num claustro é que acharei lenitivo ás minhas dores...

D. Chiquinha, por sua vez, tentou tambem dissuadir a filha de dar semelhante passo, apontando-lhe os graves inconvenientes de uma irreflexão em actos daquella natureza e as funestas consequências de um arrependimento tardio.

Vendo, porém, que o tempo, —balsamo que mitiga todos os soffrimentos,—longe de arrefecer o desejo de Alice, incrementava-o cada vez mais, não teve então remedio sinão ceder ás instancias reiteradas da filha e um dia, emfim, deu-lhe o seu consentimento, para que ella se fosse enclausurar em S. Theresa.

Immediatamente, e sem que ninguem de sua familia o soubesse, escreveu Alice um bilhete a Eduardo, dizendo-lhe que o esperava no dia seguinte, á tardinha, para tratar com elle de um assumpto que interessava a ambos.

Ao ler o convite da prima, Eduardo, que ha muito tempo não a via, desgostoso pela nova recusa que della havia recebido, não cabia em si de contente... A sua consciencia estava tão adormecida, que elle fez logo a hypothese mais sympathica...

—Até que afinal vou ser acceito!,—pensava elle, ufaneando-se. — Coitada! Não queria, talvez, que o filhinho tivesse um padrasto... Mas agora, que o pequeno já não existe, resolveu preferir-me...

No dia seguinte, Eduardo, mal acabara de jantar, vestiu o seu terno mais chic, esmerou-se no penteado e permaneceu largo tempo diante de um espelho, procurando dar á gravata um laço elegante. Finda a sua «toilette», mirou-se de todos os lados, para ver si estava *bien, comme il faut*. Satisfeito com a sua inspecção, tomou o chapéu e saíu.

A's seis horas em ponto chegava á casa de d. Chiquinha. Introduzido na sala de visitas, pouco esperou, pois logo depois alli apparecia Alice, singellamente vestida de preto, o que muito o surprehendeu.

— Obrigada pela sua pontualidade,— disse ella, extendendo a mão a Eduardo.

— Eu é que devo agradecer-lhe o prazer que me proporcionou, minha prima. A sra. como tem passado ?

— Bem..., — respondeu ella em tom secco e indifferente. — Queira sentar-se, pois tenho algumas palavras a dizer-lhe.

Eduardo, que se havia auto-suggestionado tão jubilosamente, não esperava a-quelle acolhimento glacial.

Sentou-se e, fitando os olhos no rosto de Alice, viu-o pallido, de uma pallidez marmorea.

Involuntariamente estremeceu e, como que para dominar sua commoção, perguntou á moça :

— Que é que a prima tem ? Parece-me que está doente hoje...

—Não tenho nada,— redarguiu ella.
—O que lhe peço é que tenha a bondade de escutar o que lhe vou dizer...

Alice se exprimia calmamente e apenas baixara a voz, para não ser ouvida sinão pelo seu interlocutor.

Eduardo, immovel na cadeira, sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. O coração batia-lhe mais apressadamente...

—Que iria ella dizer-lhe?,— perguntava a si mesmo.

—Senhor (e a voz da moça tremia ligeiramente), amanhã deixarei para sempre esta casa, afim de encerrar-me perpetuamente num claustro. Antes de fazel-o, porém, tenho um rigoroso dever a cumprir...

Eduardo a escutava attonito, como si nada comprehendesse.

Alice tirou do bolso o cartão fatal e continuou, depois de pequena pausa:

—O dever de que lhe falo é entregar este cartão ao assassino do meu infeliz Renato. Aqui está a prova do seu crime. Perdoo-lhe!...

E, dizendo isto, extendia ao moço o cartão que tinha entre os dedos...

Depois, sem pronunciar nenhuma outra palavra, levantou-se e apontou-lhe a porta da rua...

Vendo-a assim, com o braço erguido, dir-se-ia que a radiante joven similhava o

Anjo do Perdão, si as vestes de luto não a fizessem antes parecer o Anjo da Tristeza...

Eduardo estava como que transformado numa estatua de pedra. Era tal a sua estupefacção, que não podia articular uma só palavra. Viu Alice afastar-se lentamente, majestosamente, e elle continuava alli, quêdo, immovel, com os olhos desmesuradamente abertos...

—Estarei sonhando?,— murmurou com voz cava, passando repetidas vezes a mão por sobre a fronte, como para afugentar o horror de um atro pesadelo.

Mas, baixando os olhos sobre o malfadado cartão, convenceu-se da medonha realidade...

Foi então que se levantou de chofre, enterrou o chapéu na cabeça até os olhos, e saiu allucinado, deitando a correr pela rua.

Ao vel-o passar, com o rosto em fogo, o olhar desvairado e a fronte gottejando suor, os transeuntes o tomavam por um doido.

—Coitado!,— diziam uns.

—Que é que terá este moço?,— entreperguntavam-se outros.

—Com certeza é um louco fugido do hospicio!,— gritou um sujeito bem trajado, em quem Eduardo esbarrara tão brutalmente, que quasi o deitara por terra.

Mas o moço, alheio a tudo, sem nada ouvir, proseguia a sua marcha apressada, levando amarrotado entre os dedos o funesto cartão.

Para chegar á sua casa, que era no magnifico arrabalde dos Campos-Elyseos, dera uma grande volta pela praça da Republica. Vendo que seguia direcção errada, tomou depois o rumo do largo dos Guayanazes. Alli, ao dobrar uma esquina, deu de encontro a um taboleiro de doces de uma velha italiana, que estava sentada no passeio, ao lado.

—Madonna mia! Dio santo! Sacramento!,—bradou a pobre vendedora, apanhando os confeitos que tinham caído no chão e prorompendo em injurias contra o causador daquelle prejuizo.

Eduardo já estava longe, e só descansou ao entrar em casa. Estava exausto de fadiga. Atirou-se sobre uma poltrona e poz-se a enxugar o suor que lhe caía da frente, em bicas torrentuosas.

Ao contemplal-o agora alli, offegante, cabisbaixo, a molhar lenços sobre lenços, ninguem diria que era o mesmo homem que pouco antes havia saído daquelle mesmo aposento, levando na alma todo um mundo de ridentes esperanças...

Agora, com os seus roseos castellos em completa e pavorosa ruína, elle personificava o mais atroz desespero.

O criado, que o vira sair tão satisfeito, ficou admiradissimo de tão subita transformação e veiu indagar, todo cuidadoso:

—O patrão está incommodado? Quer que vá chamar um medico?

—Não tenho nada e o que quero é que não me aborreçam,— respondeu asperamente Eduardo, erguendo-se e fechando a porta da sala na cara do solícito empregado.

Deixou-se cair novamente sobre uma cadeira e apertou a cabeça entre as mãos. Sentia-se aniquilado. Parecia-lhe que a razão ia fugir-lhe, que o seu cerebro es-caldava...

—Está tudo perdido!,— exclamou, arrancando os cabellos aos punhados.—Tombei no precipicio que cavei com as minhas proprias mãos. Agora, só me resta morrer!...

Calou-se por momentos; depois, continuou:

—Sim, deixarei de existir. De que me serve arrastar este pesadissimo fardo da existencia, dilacerado pelas garras do remorso? De que me serve viver, si já não tenho sobre a terra mais nenhuma esperanza?...

Satan, o espirito das trevas, envolvendo-o com suas negras asas, insufflava-lhe maleficamente no espirito a idéia sinistra do suicidio.

—Sim, morrerei!... — exclamou, levantando-se.

O anjo do mal triumphara...

Eduardo se dirigiu á sua secretária e de dentro de uma das gavetas tirou um

revólver. Depois de ter verificado si a arma estava carregada, ia leval-a ao ouvido, para pôr termo ás suas attribuições, quando se lembrou de contemplar, pela ultima vez, o retrato de sua finada mãe.

Tomou-o entre as mãos e approximou-o da luz e dos olhos. Subito, estremeceu. Com a imaginação exaltada, como estava, pareceu-lhe que o retrato assumira proporções reaes e que sua mãe, de cujo bondoso e sympathico semblante reçumava uma infinita tristeza, lhe extendia os braços, pronunciando estas palavras :

—«Detem-te, meu filho. Não é assim que deves expiar o hediondo crime que commetteste. A tua existencia não te pertence a ti: — pertence á tua familia, á sociedade, á Patria e, acima de tudo, Áquelle a quem a deves, ao Deus de misericordia, que terá compaixão de ti, si procurares por uma vida illibada purificar-te do teu delicto na pyra lustral de um arrependimento sincero.»

Eduardo arremessou o revólver para longe de si, collocou outra vez sobre a secretária a effigie colenda e caíu de joelhos deante della, exclamando:

—Oh mãe idolatrada! Fôras tu viva e, certo, teu filho não seria hoje um assassino, um reprobado, um desgraçado, emfim! Mas ah! tu não me abandonaste no momento cruel da desesperança! Tu desceste do céu a guiar-me... Pois bem:—eu juro que hei de seguir fielmente as tuas inspirações!

O infeliz moço curvou outra vez a cabeça sobre o peito. Ouviu-se um soluçar contínuo, um arquejo incessante, como o de uma onda fremente a bater contra ribas fragosas.

Era Eduardo que chorava e chorava copiosamente...

Acalmado o pranto, sentiu-se como que alliviado.

Uma suave aragem de crença bafejava-lhe o coração arrependido. A fé,—essa doce consoladora dos afflictos,—mostrava-lhe, com a sua luz mysteriosa, os interminos horizontes da vida futura.

Eduardo nunca fôra atheu. Elle cria na existencia de um Deus, que premeia os bons e castiga os maus. E agora, mais que nunca, elle confiava que esse Deus, todo amor, todo bondade, perdoaria ao peccador contrito que lhe implorasse a sua immensa piedade.

E, com o rosto entre as mãos, suando a sua terrivel angustia, alli se deixou ficar por muito tempo, reflectindo sobre a sua triste e melindrosa situação.

—Abandonaria immediatamente S. Paulo,—cogitava elle,—e iria para longe, para muito longe... No seu exilio voluntario, havia de viver uma vida immacula, toda dedicada a resgatar a sua enorme falta. Não ia entregar-se aos tribunaes, porque estava certo de que o seu velho pae morreria fulminado, ao ver seu filho unico em o banco dos réus, como mandante do mais covarde dos assassinatos! Elle

devia poupar as cãs do respeitavel ancião, pois seria uma crueldade antecipar-lhe a morte, sem proveito algum para a reparação social. E que vindicta estúpida a da sociedade!—Segregar o delinquente! Que vantagem resultaria dahi á familia da victima? Que correctivo ao facto em si? Elle, entre as grades de um carcere humido e sombrio, se limitaria a maldizer dos homens e a assanhar os seus instinctos egoisticos... —Não! Iria, ao contrario, ver si ainda podia ser util a essa humanidade, á qual elle tinha sido tão nocivo... Era melhor assim.

E, firme nesta resolução, sentou-se á mesa e escreveu duas cartas. Uma era dirigida ao pae, a quem elle dizia que motivos ponderosos o obrigavam a uma viagem inesperada, não podendo prever por quanto tempo se conservaria ausente.

A outra era para sua prima.

Logo que Eduardo a terminou, fincou os cotovellos no rebordo da escrevaninha e, com o rosto entre as mãos, poz-se a murmurar:

— Alice é um anjo de bondade! Agora é que reconheço o inestimavel valor daquelle thesouro humano, que tanto desejei possuir! Podia ter-me entregado á prisão,— e não o fez! Si, em vez daquelle generoso coração, eu me tivesse encontrado face á face com um juiz inflexivel, que, apresentando-me o cartão, me perguntasse:— «Que dizes tu a isto?», que teria sido de mim nesse momento.horrivel?

Oh! que miseravel que eu fui!... E Alice se vingou de mim como uma christã:—perdoando-me! Foi ella a primeira pessoa que me fez comprehender toda a grandeza da religião do Crucificado e que me ensinou a vereda que devo trilhar de ora em diante. Parece-me que ainda me resoam aos ouvidos as palavras bemditas saídas daquelles labios angelicos...

E, depois de alguns momentos de silencio, o pranto, concentrado, lhe irrompeu novamente dos olhos, e elle exclamou, numa effusão inequivoca de um verdadeiro acto de contrição:

— Meu Deus! Meu Deus! Eu sou como o filho prodigo: pequei contra o céu e contra a terra;— não sou digno de que me chameis vosso filho!

Cansado daquella longa contensão de espirito em tão dolorosas meditações, levantou-se e dirigiu-se á janela que dava para a rua e que tinha ficado aberta.

Já de ha muito que a noite cobrira a terra com o seu caliginoso sudario. Eduardo ergueu os olhos para o céu. Densas nuvens negras empastavam, além, a curva do horizonte. No pequeno trecho do firmamento, que elle contemplava, não se via nenhuma estrella lucilar. Parecia-lhe que a propria natureza tomava parte no atro soffrimento de sua alma miseranda...

E fechou a janela.

O resto da noite, passou-o elle arranjando em uma pequena mala de mão al-

gum dinheiro que lhe sobrará das ultimas orgias e alguma pouca roupa.

Antes de amanhecer, despertou o criado, pagou-lhe a mensalidade e, explicando-lhe que ia a uma viagem demorada, recomendou-lhe que entregasse a chave da casa a seu pae e fizesse aquellas duas cartas chegar áquelle dia mesmo ao seu destino.

Mal as primeiras luzes do arrebol tingiram a fimbria do horizonte longinquo, tomou da mala, e, triste e taciturno, poz-se a caminho.

A cidade parecia uma povoação medieval, por onde houvesse passado uma invasão de barbaros. Nenhum ruido perturbava ainda a tranquillidade dos habitantes, mergulhados no profundo e agradável somno da manhã. Talvez que no centro, no triangulo, algum ludambulo vagasse áquellas horas á espera de que se abrissem os cafés e os botequins. Mas alli, nas extensas alamedas do arrabalde, mal se via, de espaço a espaço, algum guarda somnolento.

Os passos de Eduardo repercutiam fortemente no passeio, como elle jamais sentira, a tal ponto que muitas vezes olhava para trás, suppondo que alguém o acompanhasse **apressadamente**.

O diluculo se transformava na franca e risonha claridade do dia, as campainhas dos bonds já tilintavam monotamente e os apitos das locomotivas estridulavam de quando em quando nos ares, mesclando-se aos silvos agudos das fabricas que an-

nunciavam o retorno do trabalho,— quando Eduardo se viu fóra do perimetro da formosa e opulenta S. Paulo.

Voltou-se então para ella, contemplou-a demoradamente e, mal contendo as lagrimas, exclamou com a voz entrecortada de soluços:

— Adeus, berço da minha descuidosa infancia! Adeus, terra querida, onde a minha juventude se deslisou á mercê dos seus caprichos! Adeus, cidade formosa, onde cavei abysmos de dôr e onde, entretanto, fica o meu coração! Vou deixar-te e talvez para nunca mais tornar a ver-te! Adeus!

Baixou os olhos para o chão, que irrigava com o seu pranto amargo, e afastou-se a passo rapido.

Naquelle mesmo dia, algumas horas depois, ia Alice abandonar o mundo...

Fazia ella os ultimos preparativos para o seu triste enclausuramento, quando lhe entregaram uma carta.

Rasgou-lhe, presto, o envolucro, e, á medida que os seus olhos percorriam a missiva, expandia-se-lhe o angelico semblante em intima satisfacção.

Terminada a leitura, alçou ao céu as mãos e o olhar e murmurou docemente:

— Mil graças, ó Deus de bondade!

Para que as leitoras, naturalmente curiosas, comprehendam o sentido destas palavras, vejam o que dizia a carta que ella acabava de ler:

— « Alice! O teu nobre, o teu generoso procedimento me confundiu por completo. Só os anjos sabem perdoar, e tu, Alice, perdando-me, mostraste á minha alma transviada o caminho que dora avante devo trilhar. Ao entrar no santuario do Senhor, pódes levar a suave consolação de ter reconduzido ao aprisco uma ovelha de ha muito desgarrada. Amanhã, logo que clareie o dia, abandonarei esta cidade e irei, em longes terras, chorar a minha desventura. Procurarei, por uma existencia immaculada, reparar a minha enorme falta, e oxalá Deus, compadecendo-se de mim, me arranque do coração o espinho açacalado do remorso que o tortura!—Anjo da terra, a quem tanto martyrizei e que, mesmo assim, perdoaste ao algoz de tua felicidade! Desçam sobre tua fronte candida e pura todas as graças divinas, até que, chegado o momento de transpores o limiar excelso da Jerusalém celeste, recebas a corôa da gloria eterna! Adeus! Tu jamais me verás neste mundo, e, no outro, só si o Omnipotente permittir que um reprobado maldito, como eu, possa alcançador-se á luz sublime dos teus castos olhos! »

A carta não estava assignada, mas Alice bem sabia qual a mão que traçara aquellas linhas, tão repassadas de mansa humildade e de ardente fé.

Aquella linguagem tocante ainda mais sensibilizou o coração da desgraçada moça, que ia fugir tambem aos prazeres da vida social, não por sentir clamores em sua consciencia, não porque temesse que

viesses a vacillar-lhe a energica virtude, a virtude, que é, no expressivo dizer de um grande moralista, — «um esforço do homem sobre si mesmo em favor de outrem»; mas porque não queria viver transvasando na alma dos que a cercavam, dos que com ella conviviam, as tristezas que a opprimiam, as maguas que a acabru-nhavam.

É, naquelle mesmo dia, as portas do convento de S. Theresa se abriam para recebê-la...

XV

 margem direita do Purús, e pouco abaixo da foz do Ytuxy, demora a pittoresca villa de Labréia, fundada em 1871 pelo tenente-coronel Labre.

Naquella localidade, uma das mais salubres da Amazonia, e que, além de estar situada num ponto magnifico para o commercio daquellas regiões uberrimas, tem por berço vastas florestas virgens e ridentes palmares, residia, ao tempo em que occorriam os factos que vimos narrando, o padre Lourenço de Almeida, alli estabelecido vigario.

No momento em que vamos travar conhecimento com este sacerdote, achava-se elle em sua modesta varanda, junto a uma janela, todo absorto na leitura do breviario.

Não o interrompamos. Emquanto elle está entregue á meditação costumeira, inspeccionemos a sua pobre, mas aceiadissima habitação.

Nas paredes, simplesmente caiadas de branco, vêem-se quatro singellas lithographias, todas de assumpto christão. Uma representa a Virgem com o Menino-Deus nos braços,—cópia do celebre quadro de Raphael; outra mostra o Natal na gruta

de Belêm; na terceira, é o drama terrível do Calvario, — Jesus crucificado entre os dois ladrões e como que tendo desviado o rosto do máu Gestas para sorrir ao bom Dymas; a ultima tela, emfim, apresenta a tocante scena biblica do filho prodigo nos braços do pae.

Ao centro da varanda, que serve ao mesmo tempo de sala de visitas e de gabinete de estudo, vê-se, ladeiada por quatro cadeiras, uma tosca mesa, sobre a qual estão uma moringa, um copo de barro e uma jarra com flores recentemente colhidas.

Num dos angulos da sala pende uma grande rêde, alva como os floccos do algodão de que foi feita, e, do outro lado, junto á porta da entrada, ha uma rica escrevaninha com o rebordo superior gradeado e uma bonita cadeira, em cujo espaldar se destaca, bordado, o monogramma do padre. Estes dois moveis, que contrastam singularmente com a pobreza, e rusticidade dos demais, só a muito custo os recebera o humilde vigario, quando os seus parochianos lhos offertaram, em signal de agradecimento pelo bom pastoreio de suas almas ingenuas.

Sobre a secretária vêm-se, aprumados em muita ordem, alguns livros religiosos, taes como: a «Biblia»; o «Flos sanctorum»; a «Imitação de Christo»; o «Climax»; a «Exposição da doutrina catholica» e a «Historia das variações protestantes», de Bossuet; o «Guia dos peccadores»; os «Sermões» do grande Vieira e os do afamado prégador italiano, padre Agostinho de Mon-

te-Feltro; a «Cidade de Deus» e as «Confissões», do santo bispo de Hippona; o «Tratado sobre o amor de Deus», de S. Bernardo; e a «Summa theologica», do angelico doutor de Aquino.

Vejamos, em traços rapidos, quem era o bondoso e estimado cura do rebanho catholico de Labrêia.

Contava 70 annos o padre Lourenço de Almeida; mas, apesar de idade tão avançada, achava-se ainda bastante robusto. Si o gelo da velhice hibernal, representado nos seus cabellos inteiramente brancos, lhe coroava a fronte ampla e pensativa, ainda não tinha attingido os seus olhos vivos, dos quaes irradiavam fulgentemente a fé e a caridade. O seu rosto, onde as rugas punham o tom austero peculiar á ancianidade, era, entretanto, sympathico e inspirava confiança, ao mesmo tempo que infundia respeito.

Era justo, sincero e bem merecido, o affecto que lhe tributavam os seus parochianos.

O padre Lourenço, com effeito, era o prototypo do sacerdote christão. Ministro de um Deus de bondade, seguia em tudo os traços do Divino Mestre. A sua existencia era totalmente consagrada aos arduos deveres do seu nobre apostolado. Havia mais de 20 annos que fôra collado vigario daquella povoação, que elle, por assim dizer, vira surgir nos confins do Amazonas, e, até então, posto que avelhentado e gasto de forças, era, todavia, o mesmo assiduo cumpridor de sua elevada missão evangelica.

Os seus parochianos nunca tiveram occasião, nem por gracejo siquer, de censurar-lhe o procedimento, que fôra sempre irreprehensivel. Severo para comsigo mesmo, era todo tolerancia para com o seu proximo. Para quantos se lhe acercavam tinha palavras de ternura. Jamais se lhe ouvira um dito aspero. E para as crianças, para os pequeninos, para todos os fracos, emfim, era um cordeiro de mansidão e doçura.

Acenaram-lhe uma vez com o baculo episcopal, insistiram com elle porque trocasse aquella vida modesta pelo bulicio da capital, onde, em vez de uma choupana agreste, elle teria um palacio altanado. E a tudo isso respondeu que queria simplesmente morrer no seio ameno de suas ovelhas rusticas, que vinha guiando por quasi um quarto de seculo de incessante labor...

Chamavam-n-o o « pae dos pobres », porque para estes estavam sempre abertas, sempre francas, a sua bolsa e as portas de sua casa. Não havia enfermo que elle não visitasse e que não exhortasse a soffrer com resignação, como soffrera o Deus humanado.

Assim, tanto no tugurio humilde do proletario, como no palacio opulento do potentado, era o nome do padre Lourenço bemquisto de todos os corações e louvado por todas as boccas...

Deixaramos o padre Lourenço entretido com a leitura do breviario. Tudo era em silencio na varanda, quando o relógio da matriz soou tres horas. Pouco depois appa-

recia na sala uma velha anafada e vagarosa, trazendo uma toalha muito alva, que estendeu sobre a mesa. Era Gertrudes, irmã collaça do vigario e que, ha longos annos, o acompanhava e servia. Dahi a breves instantes sentavam-se ambos deante de sua frugal refeição.

Terminado o jantar, o parochio, feita a sua oração habitual, levantou-se, e, tomando o amplo chapéu de feltro, saiu a dar o que elle chamava o seu passeio hygienico, o qual, entretanto, consistia em visitar os enfermos e acudir aos necessitados.

No momento em que o virtuoso sacerdote transpunha a soleira de sua casa, apresentava-se na unica hospedaria de Labrêia um viajante, embuçado em uma larga capa hespanhola. Tinha o rosto tisonado pelos raios ardentes do sol estival e o seu olhar era sombrio e mysterioso. O calçado roto e as roupas cobertas de pó indicavam que elle havia feito longa jornada. No seu semblante abatido eram visiveis os signaes de acabrunhadora fadiga. Como unica bagagem, sobraçava uma pequena trouxa.

O viandante pediu um logar e recebeu como resposta que alli não havia commodo algum desoccupado. Quiz insistir, mas o rispido estalajadeiro, pouco disposto a ouvi-lo, lhe disse bruscamente que fosse procurar agasalho algures.

O desconhecido, com um sorriso amargo a afflorar-lhe os labios resequidos, encaminhou os seus passos a uma porta vizinha, onde bateu.

Veiu abril-a o proprio dono da casa, que lhe perguntou o que queria.

— Senhor, venho de longe, a pé, e estou cansado,—disse o viajor com voz enrouquecida.—Imploro um abrigo para passar a noite.

— Isto aqui não é hotel...,—foi a resposta abrupta que recebeu.

— Bem sei, senhor,—obtemperou elle humildemente;—mas é que todos os aposentos da hospedaria estão occupados...

— A culpa não é minha!,—vociferou asperamente o outro, e foi fechando a porta.

O infeliz viandante, que parecia semi-morto de cansaço, seguiu além, a repetir o seu pedido, e em toda parte obteve a mesma resposta.

Os habitantes da localidade, notando o exquisito aspecto do extranho personagem, desconfiaram que fosse algum gatuno, e, apesar de ter elle offerecido o pouco dinheiro que lhe restava por um tecto que o protegesse das intemperies e por um leito onde repousasse os membros lassos,—foi de todos repellido...

Inspirava terror quem, entretanto, só devia inspirar piedade...

Vendo-se tão só, tão desolado, o desditoso viajante sentiu bem no imo da alma um desalento cruel. Exhausto de forças, deixou-se cair sobre a calçada, na esquina de uma rua pouco central, e alli,

com a cabeça occulta nas dobras da capa, ficou, por longo tempo, pensativo e quedo.

— Ah! — murmurava elle baixinho, falando comsigo mesmo, — como é duro, como é horrivel ver-se um homem abandonado por seus semelhantes! Já que todos me negam hospitalidade, tu, ó Deus dos desgraçados, tem compaixão de mim! Sob o manto da tua protecção, que importa que eu tenha por leito esta pedra fria e por tecto a cupula azulina do firmamento?

Salteiou-o porêm, a fome, — essa má conselheira, — e em seu coração começaram a levantar-se acerbos rancores contra todos os que lhe haviam recusado abrigo, — do mesmo modo que no oceano, depois de algumas horas de repouso, as ondas da preia-mar súrdem, avolumam-se e vêm quebrar-se, enfurecidas, de encontro ás rochas escalvadas da praia...

— Os homens são os mesmos sempre e por toda parte, — continuou elle em suas sombrias reflexões, a tempo de dominar a procella, que ameaçava desencadeiar-se-lhe na alma dorida. — Não devo culpá-os... Pois eu mesmo não fui tambem assim? Quantas e quantas vezes não neguei a esmola de um vintem a um pobre que me extendia as mãos mirradas! Quantas e quantas vezes não enxotei colericamente da porta o mendigo que me pedia os restos, as migalhas da minha farta mesa!

Esta rememoração do passado o levou a pensar que ha um mez apenas passeiava elle, altivo e arrogante, por entre a turba-

multa que enchia as ruas de S. Paulo, resplandecentes de luz e rumorejantes de vida e movimento.

Quem diria que sob aquelles farrapos se occultava o nosso conhecido Eduardo?

Seus amigos (e que grande numero tinha elle tido!), si o vissem naquelle momento, não o reconheceriam por certo: — o dandy de outrora tinha desaparecido, e a sua mumia ambulante, coberta de andrajos, velava envergonhada o rosto, naquella rua esconsa da longinqua Labrêia...

As sombras crepusculares foram lentamente descendo do espaço a envolver a povoação no seu denso véu: e o misero viajante continuava na mesma posição.

Quantos por alli passavam, vendo aquelle vulto negro immovel sobre a calçada, afastavam-se timoratos...

Immerso em seu pungente scismar, Eduardo não ouviu os passos de alguém, que, parando junto d'elle, lhe perguntou mansamente:

— Que faz ahi, irmão?

Não obtendo resposta, reiterou a mesma interrogação.

Aquella voz que o inquiria era tão meiga, era tão doce, que Eduardo, sentindo-a ecoar no amago do seu coração alanceado, não pôde deixar de erguer a cabeça e de attender tristemente á instante pergunta:

— O senhor bem vê que nada faço...

— Pois si não tem outro abrigo sinão esta lagea e este céu estrellado, venha commigo. A choupana do padre Lourenço é de quantos precisam della. Venha commigo, irmão.

Eduardo, erguendo-se machinalmente, seguiu em silencio o bom do vigario, que immediatamente tomou, com o seu desconhecido companheiro, o rumo de sua modesta casa.

— Gertrudes, — foi logo dizendo á velha, mal franqueiaram os dois a porta da varanda, onde a irmã collaça do padre remendava umas meias rotas, á luz vacillante de uma vela, — faça o favor de arranjar alguma cousa, para este nosso hospede ceiar...

E, enquanto a velha saía a cumprir o mandado, elle, voltando-se para Eduardo, desculpava-se:

— Sou pobre, como o senhor está vendendo, e, de mais, já ha muito que jantámos, de modo que o senhor vae passar mal desta vez... Valha, porêm, a boa vontade...

— Agradeço, senhor padre, do intimo do coração, a sua caridade, e...

— O senhor não é da cidade?, — interrompeu-o o vigario, como que para evitar maiores expansões de reconhecimento.

— Não, senhor.

— Veiu de muito longe?

— Sim, senhor, de muito longe, — redarguiu Eduardo, suspirando.

O padre Lourenço, temendo ser indiscreto, calou-se.

Instantes depois, voltava Gertrudes com um prato de biscoitos e uma grande tigella cheia de leite, que collocou deante de Eduardo.

Este, que tinha muita fome, começou logo a comer.

—Agora, Gertrudes, disse o padre á velha, tenha a bondade de ir arranjar uma cama no quarto junto ao meu, para o nosso hospede, que deve estar cansado.

A boa mulher saiu a executar o que o padre determinara, e, emquanto punha em ordem o quarto, resmungava por entre os dentes :

—Valha-me Deus! Isto não está nada direito... Com essa moda que tem seu padre de juntar em casa quanto vagabundo encontra ahi pelas ruas, ainda ha de acontecer desgraça. Tambem seu padre é de tão boa fé... Que modos` mais agrestes que tem esse homem que está ahi hoje! Quem sabe si não será algum protestante que vem perverter o povo... Cruzes! credo! vade retro!,—exclamou ella, persignando-se.—Si eu achar um geitinho, hei de avisar a seu padre que tome sentido com elle...

Entretanto, emquanto o mysterioso viajante tomava a sua ligeira refeição, o vigario não cessava um só instante de acompanhar-lhe os menores movimentos. Viu-o diversas vezes fitar demoradamente

os olhos no quadro que lhe ficava bem em frente e que representava o filho prodigo de retorno a casa paterna; e, em certa **ocasião**, não pôde occultar duas **lagrimas** que, deslizando-se-lhe pelas faces, foram misturar-se-lhe á comida.

Quando a velha veio avisar ao padre que o quarto estava prompto, o desconhecido, que já havia terminado o seu tardio jantar, tinha ainda o olhar cravado no painel que lhe attrahia tanto a atenção. Divisava-se-lhe no rosto desfigurado a mais piedosa emoção.

—O senhor, com certeza, está bastante fatigado,— disse o padre Lourenço a Eduardo, levantando-se e tomando de uma vela, que estava sobre a mesa. —Queira acompanhar-me, que lhe vou mostrar o seu quarto.

E saíram ambos.

Gertrudes ficou ainda na varanda, á espera de que o vigario voltasse, para comunicar-lhe os seus receios,—producto da extrema **dedicação** que votava ao seu bom irmão collaço; como, porém, este tardasse, resolveu-se ella a ir também deitar-se. Mas as apprehensões, que lhe povoavam o **espírito supersticioso**, não lhe permittiram conciliar o somno. Via tremeluzirem facas e garruchas sob a capa do exquisito hospede, que ella presumia ter vindo **expressamente** para matar o padre Lourenço. Não podendo conter-se por mais tempo, **dirigiu-se** no bico dos pés ao quarto do sacerdote e bateu de mansinho á porta.

O vigario, que ainda lia o breviário com a sua habitual tranquillidade, veio abrir promptamente e perguntou á boa velha o que é que ella queria.

—Olhe, seu padre,—lhe segredou ella ao ouvido,—não vá aquelle homem ser algum malfeitor. E' bom vosmecê trancar bem a sua porta. Elle póde trazer alguma arma escondida debaixo do capote. Eu estou com bem medo delle, seu padre. Os modos delle dão para a gente desconfiar. . .

O padre, a principio, poz-se a pensar nas palavras da velha. Quem sabe si aquelle homem era, de facto, algum salteador ou algum criminoso fugido á justiça publica de longes terras? Não era isso impossivel, e talvez Gertrudes tivesse razão... Depois, porém, lembrando o modo enternecido com que elle contemplava o quadro do filho prodigo, procurou convencer a velha de que eram infundados todos aquelles receios.

—Que si ella, no emtanto, ainda assim continuava a ter medo,—acrescentou elle,—podia ir passar aquella noite em casa da vizinha, d. Venancia, mas nada dissesse a respeito do desconhecido.

—Isso é que eu não faço!,—obtemperou a velha, obstinadamente.—Pois como é que hei deixar vosmecê sósinho em tamanho perigo?

Afinal, depois de muito custo, conseguiu o vigario abrandar-lhe um pouco o desarrazoado temor, e a pobre mulher se-

guiu para o seu aposento, encommendando-se a todos os santos da côrte celeste.

Antes de deitar-se, fez promessa a N. S. das Mercês, com quem tinha particular devoção, de rezar-lhe um rosario todo de joelhos, si nada acontecesse áquella noite ao seu irmão collaço.

Mal, porém, ia cerrando as palpebras, os terrores damninhos, que lhe escaldavam a imaginação, se corporificavam em tinir de punhaes e gritos lancinantes, que ella ouvia distinctamente, no silencio sepulcral da noite avançada. Isto lhe succedeu mais de uma vez, e ella, para escutar melhor, levantava a cabeça do travesseiro ou ia, pé ante pé, collar o ouvido ao buraco da fechadura. E assim passou a noite inteira, em sobresaltos horriveis... Si lograva dormir alguns minutos, sobrevinham-lhe sonhos extravagantes, povoados de assassinos, protestantes e ladrões.

Logo que rompeu a manhã, ergueu-se da cama e vestiu-se ás pressas, dirigindo-se immediatamente á sala de jantar, não tanto para retomar o seu trabalho quotidiano, como para observar «de visu» o que se tinha passado alli, naquella noite medonha. . .

Causou-lhe espanto ver, recostado na rêde e já de livro aberto, o bondoso ecclesiastico, que ella suppunha extendido morto no leito.

—Bom dia, seu padre!,—saudou-o, mais animada e alegre.

—Bom dia, Gertrudes! Olhe, não fale tão alto, para não acordar o nosso hospede. . . O coitado estava hontem tão cansado. . .

—Vosmecê não desconfia que elle seja protestante ou judeu?

—Qual judeu, nem protestante!,—socegou-a o vigario, que não pôde deixar de sorrir da idéia disparatada da velha. —E, embora o seja, Gertrudes, devemos tratá-lo com toda a bondade. Mas fique tranquilla, que elle não tem cara de hereje. Olhe, logo que elle se levantar, dê-lhe café com biscoitos. . .

E, deixando a rêde, tomou do chapéu, pois já lhe chegavam aos ouvidos os sons alacres do sino da matriz, chamando-o á celebração do sacrificio incruento.

Gertrudes foi para a cozinha preparar o café e, quando voltou á varanda, já lá estava o desconhecido, com os cotovellos fincados na mesa, em attitude pensativa.

Vendo-a entrar, levantou-se, cumprimentou-a e perguntou-lhè pelo padre Lourenço.

—Seu padre foi dizer missa e daqui a pouco está ahi, para almoçar,— respondeu a velha, seccamente.

Eduardo retomou a sua posição e, servido o café, bebeu-o, sem dizer palavra.

Gertrudes, em seguida, varreu a sala e espannou os móveis, não deixando de lançar de vez em quando olhares suspicazes sobre o para ella extranho personagem.

—Por mais que seu padre me diga o contrario,— dizia ella a si mesma,— não posso deixar de acreditar que este homem seja judeu ou protestante. Nunca na minha vida vi uma cara tão sorumbatica. . .

Dahi a pouco chegava o vigario. Eduardo se dirigiu immediatamente a elle e, com a voz repassada de commoção, exprimiu-lhe effusivamente os seus sinceros agradecimentos pela generosa acolhida que tivera alli.

—Nada ha de que agradecer-me,— lhe disse modestamente o bondoso sacerdote.— Não fiz mais do que cumprir com o meu dever. Agora, diga-me o senhor uma cousa, si não fôr indiscreção de minha parte :—está aqui sómente de passagem, ou tenciona ficar nesta villa ?

— Estou viajando sem destino certo, senhor padre. Mas o meu fortuito ou, melhor, providencial encontro com vossa reverendissima me determinou a acabar aqui mesmo, neste recanto longinquo do Brasil, os poucos e tristes dias que ainda me restam neste valle de miserias que se chama—mundo. Si eu não estivesse tão baldo de recursos, pois das despesas de viagem só me restam 65\$000, eu compraria desde logo um casebre, por mais miseravel que fosse, para servir-me de morada. E trabalho, posto não esteja habituado a elle, espero em Deus que não me faltará, para ao menos garantir-me uma subsistencia modestissima.

— Não desanime nunca, meu filho,— lhe disse o vigario carinhosamente. — A

providencia nos protege em tudo. Agora mesmo; ao sair da igreja, uma senhora muito caridosa me entregou 50\$000, para eu distribuir pelos meus pobres. O senhor actualmente é desse numero, perdoe-me a franqueza de dizel-o, e aquella quantia está á sua disposição. Um predio pequeno aqui custa tão pouco...

—Acceito a sua esmola, senhor padre, e do imo da alma agradeço á vossa reverendissima tanta caridade,—redarguiu Eduardo, e, inclinando-se, beijou a mão do venerando sacerdote, que, em vão, tentou impedil-o disso.—Mas não quero lesar os pobres, aos quaes a bondosa senhora destinou aquella somma. Recebel-a-ei apenas a titulo de emprestimo e, logo que puder, restituil-a-ei á vossa reverendissima.

—Pois seja como o senhor quizer... Ora, estou pensando numa casa que talvez lhe conviesse, si não fosse no extremo da cidade e um pouco distante das outras...

—Tanto melhor para mim, senhor padre! Tenciono viver afastado do convivio dos homens.

—A casa de que lhe falo está deshabitada ha cerca de um anno, isto é, desde que lhe morreu o dono, legando-a a um sobrinho. O povo diz e acredita que ella é mal assombrada e, por isso, ninguem quer alugal-a, nem compral-a. Estou certo de que o actual proprietario ficaria muito contente, si se visse livre della. O preço talvez nem chegue a 100\$000. Depois do almoço, si o senhor quizer, iremos vel-a,

è, si lhe agradar, ajudal-o-ei a realizar o negocio com toda a presteza possivel.

—Ah, senhor padre! Não tenho palavras com que possa manifestar-lhe todo o meu reconhecimento. Mas Aquelle, que disse que um copo de agua dado em seu nome não ficaria sem recompensa, se encarregará de pagar por mim a minha divida de gratidão.

O velho ecclesiastico se dirigiu á sua escrevaninha, e, tirando de sobre ella um livro, entregou-o a Eduardo, dizendo-lhe :

—Vou agora tratar de minhas flores e, emquanto não vem o almoço, aqui está com que passar o tempo.

E desceu para o jardim.

Eduardo virou a primeira folha do volume que o padre lhe puzera em mãos. Era a «Imitação de Christo», uma das obras mais preciosas do escriptorio esthetico da humanidade. Appareceu ha cinco seculos e tem sido motivo de acalorada disputa por parte de tres nações. Querem os allemães que ella tenha sido escripta por Thomaz de Kempis, conego de Windesheim; dá-lhe a França a autoria a João Gerson, chanceller da universidade de Pariz; e a Italia, finalmente, revindica a honra de sua elaboração para o abbade de Verceil, Gersen. Sustentam outros que aquella producção litteraria do christianismo, a mais bella depois da Biblia, não é fructo de um cerebro só e sim de um factor colectivo, como se tem pretendido tambem com relação ás epopéias' home-

ricas. A critica moderna, porém, tende cada vez mais a attribuil-a ao agostiniano germanico. Como quer que seja, é de tanto valor aquelle thesouro de moral, que a seus discipulos aconselhou o fundador do positivismo que o manuseiassem incessantemente. A vulgarizar o incomparavel poema, saído da meditação de um mosteiro, têm apparecido cerca de tres milhares de edições, em todas as linguas cultas do occidente. Verteu-o em versos admiraveis o grande Corneille, como si não lhe bastasse a gloria imperitura grangeiada com as suas bellissimas tragedias. E, em portuguez, tem apparecido mais de uma traducção, com o louvavel intuito de tornar accessivel a todos, pois que todos precisam delle,—aquelle bem denominado «livro de interna consolação.»

Eduardo o abriu ao accaso, e a seus olhos se lhes depararam as seguintes palavras:

—«Filho, eu descí do céu para salvar-te; tomei sobre mim as tuas miserias, para te formar, com o meu exemplo, á paciencia, e ensinar-te a soffrer com resignação as penas e os trabalhos desta vida. Desde a hora em que nasci até o momento em que expirei na cruz, não estive nunca sem dores.»

O desventurado moço não pôde continuar a ler. Empannaram-lhe subitamente a luz dos olhos lagrimas copiosas, que lhe deslisavam rapidamente pelas faces.

Elle, que dantes, ao ouvir falar em livros de religião, aborrecia-se e blasphe-

mava; elle, que estava acostumado tão sómente aos romances de Balzac, Dumas, Hugo, Flaubert e Zola, além de outros escriptores antigos e modernos, muitos dos quaes de leitura deleteria; elle, que tantas vezes se julgara empedernido pela vida desregrada que levara e que o deshabitara dos sentimentos bons:—agora, diante daquella pagina de tocante simplicidade, chorava profusamente, chorava como uma criança...

Estava realmente commovido e parecia-lhe que a sua alma se arrebatava, como uma aguia altivolante, aos paramos inacessiveis do infinito. Sentia o coração como que dilatar-se-lhe ao influxo benefico daquellas palavras tão lhanas quanto sublimes.

Enxugou o pranto e, reabrindo o livro no ponto em que parara, leu até o fim todo o capitulo XVIII do livro 3º, no qual se ensina o homem a supportar com equanimidade as miserias da vida, a exemplo de Christo.

Mais adeante chamaram-lhe a attenção estas palavras:

— « Senhor, vosso é tudo o que ha no céu e na terra. Desejo dar-me todo a vós, por uma oblação voluntaria; quero ser vosso para sempre. »

Parecia-lhe que isto tinha sido escripto expressamente para elle. E tão concentradas estavam as suas faculdades naquellas phrases, ungidas de tanta suavidade e doçura, que não viu a velha Gertrudes pôr

a mesa e ir ao jardim chamar o vigário para o almoço.

Eduardo, cuja melindrosa situação moral o transmudara de profundo sceptico em exaggerado mystico, estava ainda sob a impressão indescriptivel do trecho admiravel da «Imitação». Como que uma esperança mais consoladora lhe penetrava no espirito amargurado; e, olhos alçados ao céu, repetiu com accento de verdadeira compuncção a ultima phrase que tanto o emocionara. E accrescentou, como quem termina uma prece:

—Meu Deus, eis aqui a tua criatura!
Meu Pae, eis aqui o teu filho!

O padre Lourenço, que entrava nesse momento, ainda lhe ouviu as ultimas palavras. Comprehendendo que era um pouco de bonança que começava a despontar para as tempestades daquella pobre alma, murmurou affectuosamente:

—Feliz daquelle que, retornandò ao caminho da verdade, se volta de novo para Deus!...

Acabando de almoçar, foram ambos ver a casa que Eduardo pretendia, e, agradando-se elle della, o bom do vigário o guiou dalli ao dono, com quem combinaram a compra por 100\$000. Em seguida, foram passar a escriptura, cujas despesas foram ainda feitas pelo vendedor, tão contente ficára este com o inesperado negocio.

Ao sair do cartorio do tabellião, o sa-

cerdote, consultando o relógio, viu que já passava muito de meio-dia. Voltando-se para Eduardo, disse-lhe:

— São horas de dar a minha aula de catechismo aos meninos; e, como o senhor não tem ainda a sua casa arrumada, vá jantar commigo. Enquanto estiver á minha espera, vá-se distrahindo com os nossos livrinhos.

O padre Lourenço seguiu rumo da matriz e Eduardo voltou para a casa do bondoso vigario.

Apenas entrou alli, tirou um dos livros que estavam sobre a escrevaninha e se poz tranquillamente a lê-lo.

XVI

TERMINADA a aula de catechismo, o vigario encarregou um dos meninos de ir buscar a chave da casa que o seu hospede havia adquirido e retornou á sua residencia.

Apenas alli entrava, correu-lhe ao encontro, muito esbaforida, a velha Gertrudes, pondo as mãos espalmadas nas ilhargas e sacudindo a cabeça:

— Olhe, seu padre, que bem razão tinha eu de desconfiar daquelle homem...

— Onde está elle?, — perguntou o parochio, investigando com o olhar os quatro cantos da sala.

— Está na cadêia, seu padre.

— Mas, que foi que elle fez, para ir parar lá?, — indagou pressuroso o sacerdote.

— Ah, seu padre! Aquelle homem era um gatuno...

— Que é que me está dizendo, Gertrudes? Será possivel?!

— Sim, senhor. E já lhe vou contar o que aconteceu. Lá pelas duas horas, tornou elle a voltar aqui, agarrou num dos livros de vosmecê e leu, leu, leu, até mais não poder. De repente, elle se levan-

tu, espiou bem para os lados da cozinha, para ver si eu estava occupada alli, e lá se foi devagarinho para o seu quarto, seu padre. Eu, que não tirava os olhos de cima delle, larguei as meias que estava remendando e vim, sem fazer bulha, atrás delle. Vosmecê quer saber, seu padre, o que elle estava fazendo? Estava com as mãos na sua gaveta, roubando o dinheiro dos pobres! Então, eu não pude mais ter mão em mim... Corri para a porta da rua, chamei seu Chico Carapina, que estava trabalhando alli de frente, e contei o caso todo para elle...

E, neste ponto, a velha parou, para tomar um pouco de folego.

— Vamos lá, Gertrudes, — disse o padre, impaciente. — E depois?

— Depois, seu Chico e o ajudante delle, que é o filho de siá Faustina, entraram aqui e prenderam o homem. Elle negou tudo, tudo... Jurava a pés juntos que não tinha tirado nada. Mas, quando os homens revistaram as algibeiras delle, encontraram 10\$000, que eu guardei alli, naquella gaveta...

E apontava para a escrevaninha.

O padre, cuja physionomia tomara uma dolorosa expressão de amarga tristeza, não podia acreditar no que ouvira. Ficou alguns instantes calado, pensativo... Depois, porém, desannuviou-se-lhe subitamente o semblante, e elle disse calmamente á velha:

— Mas, Gertrudes, você foi um pouco precipitada... Elle não furtou cousa algu-

ma... Tirou apenas o dinheiro que eu lhe tinha dado... Você devia ter-me esperado, para contar-me o que tinha havido aqui... Assim, ter-se-ia evitado uma grave injustiça, além do escandalo...

— Ah, seu padre! Eu não sabia... Deus que me perdôe!... Foi por amor do geito exquisito d'elle, que eu pensei que era um ladrão...

E á boa mulher marejaram-se-lhe os olhos de lagrimas...

— Socegue, socegue, Gertrudes, que isso não é nada. Vou já e já desfazer o engano...

E, tomando o chapéu, o vigario saiu apressadamente.

Convêm referir que o virtuoso sacerdote não tinha dado a Eduardo mais que os 50\$000. Mas era em tão alto grau a sua philanthropia, que, tão sómente com o intuito de desculpar o seu hospede, que elle, aliás, julgava intimamente ter de facto commettido aquella feia acção, dissera a Gertrudes haver-lhe offerecido o dinheiro encontrado no bolso d'elle. E não mentira totalmente... Com effeito, tencionava dar a Eduardo aquella quantia, para as primeiras despesas de installação. Então a dadiva, posto que feita mentalmente apenas, não era já uma verdade? Sublime caridade christã, que impulsa o homem a tanto devotamento pelo seu proximo!...

Emquanto o padre Lourenço segue rumo da cadêia, vejamos o que succedera ao

desconhecido adventicio, que elle tão generosamente abrigara em seu lar.

Eduardo, como viramos no fim do capitulo anterior, voltando á casa do vigario, retomou soffregamente a « Imitação ». Aquella suggestiva leitura infundiu-lhe no espirito tamanho desapego aos bens terrenos, que elle desejou tambem contribuir, com uma parte do que possuia, para o sustento dos pobres de Labréia. Occorreu-lhe a idéia de depositar 5\$000 na gaveta do vigario, reservando-se apenas 10\$000, que lhe bastariam para comprar uma esteira em que dormir e para viver alli, até obter trabalho. Querendo occultar a sua generosa acção, tomou todas aquellas precauções, que deram em resultado tomal-o a velha Gertrudes por um ousado gatuno.

Quem não o teria julgado tal, vendo-o abrir uma gaveta com dinheiro, na ausencia do dono da casa?

Chegando os dois trabalhadores, disse-lhes Eduardo, naturalmente assustado, que não havia subtrahido cousa alguma. Elles, porém, conheciam bastante a velha irmã collaça do padre, para julgal-a capaz de uma mentira de tanta gravidade. Revisitaram-n-o, pois, immediatamente, e deram-lhe logo com uma nota de 10\$000 no bolso. Que havia de dizer o coitado? Lembrou-se de explicar aos seus accusadores que elle, longe de ter tirado dinheiro da gaveta, havia posto alli uma pequena somma. Mas, quem é que acreditaria em semelhante asserção, si ella vinha de um

mendigo, apanhado em flagrante delicto de furto? Achou inutil insistir em protestar por sua innocencia e deixou-se conduzir, semi-morto de vergonha, para a cadêia...

Alguns individuos, que o tinham visto á porta da hospedaria, no dia em que elle alli chegara, reconheceram-n-o promptamente e, tomados de viva curiosidade, indagaram dos dois operarios o motivo por que levavam detido aquelle homem.

— Estava furtando em casa de seu padre Lourenço, — foi a resposta.

— Que miseravel!, — exclamaram, revoltados.

A' medida que caminhavam, ia-se formando em torno delles um grande grupo de curiosos. O povo labreiense foi sempre de indole ordeira e pacifica, tanto que na cadêia da villa não havia então um unico preso. Aquelle acontecimento, portanto, era, alli, uma novidade extraordinaria.

— Que é?, que aconteceu?, que fez elle?, — eram perguntas que choviam de todos os lados.

E estas palavras — «Estava furtando em casa de seu padre Lourenço», — ecoando como um gemido lugubre, corriam de bocca em bocca...

O infeliz Eduardo ouvia tudo isto e uma onda de fogo lhe ruborizava o rosto... Alguns, mais exaltados, chegavam a ameaçal-o com os punhos cerrados. E elle, fi-

tando dolorosamente os olhos cavos e penetrantes na multidão indignada, deixava deslizar pelos labios resequidos um sorriso de cruel ironia... E' que se lembrava de que, ainda ha pouco tempo, passeiava, de cabeça erguida e olhar triumphante, pelas ruas esplendidas da formosa S. Paulo, rodeiado de amigos e lisongeiros, que o cumprimentavam alegremente. E agora, alli, marchava preso, flanqueiado por dois miseros proletarios e circumdado por gente que lhe era francamente hostile...

Chegando á cadêia, a autoridade, informada do que occorrera, legalizou o acto da prisão e mandou encerral-o numa das enxovias.

O desventurado, vendo fechar-se-lhe a porta do carcere, murmurou tristemente:

— Meu Deus! é a tua justiça que me conduz aqui! Aqui é o meu logar, pois eu sou um assassino perverso! O castigo começa...

Inundaram-lhe o rosto abatido lagrimas ardentes, e o infeliz, com a cabeça apertada entre as mãos, entregou-se ás mais mortificantes reflexões sobre o seu tenebroso passado.

Nisto, ouviu-se o ruido da chave girando na fechadura, abriu-se a pesada porta e no limiar do carcere appareceu a figura bondosamente austera do venerando padre Lourenço.

— Vamos, meu filho, levante-se! Já desfiz o engano que houve. Dou-lhe de boa vontade o dinheiro que o senhor tirou da gaveta... Vamos! O senhor está livre!

Eduardo estava perplexo. Não comprehendia o que o sacerdote queria dizer a respeito do dinheiro... Teria elle verificado a sua gaveta? Nesse caso, devera ter achado lá uma somma superior á que havia deixado. Foi tão grande o abalo que lhe produziram as palavras do padre, que a voz se lhe suffocou na garganta.

Ergueu-se como um automato e acompanhou silenciosamente o vigario, atravessando grupos, que se tinham formado junto á cadêia e nas ruas principaes da villa, de pessoas que commentavam a seu modo o successo do dia e que se afastavam respeitosamente, deante do estimado parochó.

Logo que entraram em casa, veio Gertrudes, muito embaraçada e constrangida, pedir perdão a Eduardo. Respondeu-lhe este que elle mesmo tinha sido o culpado do que se passara.

Posto o jantar, sentaram-se todos á mesa. Gertrudes, mais satisfeita, lamentava-se, entretanto, no seu intimo, de ter feito o pobre moço ir parar á cadêia.

O padre é que não podia occultar a tristeza que lhe annuviava o sympathico semblante. Estava pensativo e pouco falava. O honrado sacerdote não podia comprehender por que motivo se mostrara o seu hospede tão ingrato para com elle, ao ponto de furtar-lhe dinheiro, a elle, que, de todo o coração, já lhe tinha dado uma não pequena quantia, destinada, aliás, a pobres, cuja honestidade elle bem conhecia. Estas

importunas cogitações, que elle não lograva desterrar do espirito, tiraram-lhe completamente o appetite.

Eduardo, a quem a commoção do lamentavel successo tinha abatido profundamente, tambem comia pouco e em silencio; mas, de vez em quando, contemplava a physionomia severa do sacerdote e entrava a meditar naquella vida sublime de dedicação e caridade.

Quão oppostos eram então os pensamentos de ambos!

O jantar, esse dia, fôra mais tarde do que costumava, em consequencia do desagradavel acontecimento.

Terminada a sua ligeira e parca refeição, perguntou o vigario a Gertrudes si não tinham vindo trazer-lhe uma chave.

Respondeu-lhe a boa mulher que sim e que ella a guardara na gaveta da mesa do quarto.

Levantou-se o padre e dirigiu-se ao seu aposento. Abriu a gaveta, mas ficou immensamente surprehendido ao encontrar alli mais 5\$000 do que deixara.

Que mysterio era aquelle? Então Eduardo não tinha furtado o dinheiro?

O bom do vigario, não podendo conter por mais tempo a sua ancia de esclarecer tudo aquillo, chamou Eduardo ao seu quarto e alli se fechou com elle durante duas longas horas.

Que se teria passado entre os dois naquelle tempo?

Não sabemos... O certo é que Eduardo saiu de lá como que alliviado de um grande peso, e o rosto do padre Lourenço, já completamente desannuviado da tristeza que ainda ha pouco o ensombrava, parecia projectar sobre o seu hospede os raios luminosos da sua bondade ingente e protectora...

XVII

No dia seguinte, ás 6 horas da tarde, deixava Eduardo o tecto hospitaleiro do venerando vigario, e, embuçado no seu amplo capote, seguia para a sua nova morada, cabisbaixo e a passos vagarosos.

Na villa não se falava sinão no estranho forasteiro, acerca do qual corriam de bocca em bocca as mais desencontradas e extravagantes versões. Por isso, á sua passagem, fixavam-se nelle, de todos os lados, olhares curiosos e prescrutadores.

Para o povo supersticioso, falastrão e credulo, aquelle homem era, como o dizia a velha Gertrudes, protestante ou judeu. Como, porêm, isto não bastasse para explicar a sua exquisita maneira de vestir-se e de viver, não tardou a divulgar-se o boato de que elle era um frade excomungado...

Ouçamos, entretanto, o que diziam a respeito delle algumas pessoas das mais qualificadas da localidade.

Estavam reunidos em palestra, na pharmacia "Labre", á rua Direita, quando Eduardo passava por alli, o professor publico da villa, um sujeito alto e magro, com grandes oculos escarranchados no nariz, o juiz de paz, o barbeiro e o pharmaceutico,

que costumavam fazer o chylo tosando fortemente na vida alheia.

Ó barbeiro, que estava do lado de fóra, para poder dar dois dedos de prosa e olhar ao mesmo tempo a sua loja, que era contigua á pharmacia, foi quem primeiro avisou o tão falado transeunte.

— Olhem, — sussurrou elle aos que estavam sentados do lado de dentro, junto á grade, — lá vem o tal sujeito que chegou ante-hontem e que hontem mesmo experimentou a nossa cadêia...

— E' elle mesmo, — disse o boticario, que se apressou em vir espiar á porta.

— Ora vejam, — accrescentou o barbeiro, — ninguem quiz recebê-lo, e só o padre Lourenço, compadecendo-se delle, o abrigou em sua casa, dando-lhe comida e dormida... E o tratante pagou tão genérosa hospitalidade surripiando dinheiro da gaveta do bom do senhor vigario, que dá tudo quanto tem aos pobres... Livre-nos Deus de semelhante hospede!

— Creio que isso não passou de um equivoco da irmã do senhor vigario, — interveiu o juiz de paz. — Tanto é assim, que o padre Lourenço se dirigiu logo á cadêia, e o desconhecido foi immediatamente posto em liberdade.

— Mas, quem é elle, donde vem e para onde vae?, — indagou o professor, limpando os oculos, para ver melhor o objecto daquella enorme curiosidade.

— E' exactamente isso o que todos ignoram e que, entretanto, desejavam saber, tanto como o senhor, — lhe retrucou o barbeiro.

Calaram-se por momentos, porque Eduardo passava bem em frente, na calçada opposta.

— Que cara triste e enfarruscada!, — exclamou o mestre-escola. — Aquelle sujeito parece que acaba de acompanhar algum enterro...

— Talvez esteja perseguido por motivos politicos e tenha vindo occultar-se aqui..., — preopinou o pharmaceutico, acabando de collar o rotulo num vidro de remedio.

— Não creio que seja essa a razão que o trouxe até aqui, — obtemperou o professor. — Antes me parece que neste enigma, que emvão estamos tentando decifrar, o que existe como causa essencial é o « *cherchez la femme* »...

E empertigou-se todo, endireitando o collarinho e os oculos e olhando para os seus amigos, afim de ver o effeito que produzira a sua citação franceza...

— Quem sabe com toda a certeza quem é este mysterioso viajante, — explicou o pharmaceutico, — é o padre Lourenço. Mas o senhor vigario é a discreção em pessoa...

— Ora, — accedeu o barbeiro, que, tendo sido sacristão em menino, tinha fumças de saber latim, — já que ninguem sabe quem este sujeito é, donde vem e para

onde vae, baptizemol-o com o nome de « Ignotus »...

E, desse dia em deante, assim ficou Eduardo sendo conhecido em Labréia, ignorando todos alli, excepto o padre Lourenço, o seu verdadeiro nome, a sua procedencia e o motivo que o tinha arrojado áquellas remotas paragens.

XVIII

EDUARDO, entretanto, chegara ao seu pobre casebre. Sentou-se á soleira da porta, e alli se deixou ficar largo tempo, com o olhar vago e o pensamento ainda mais vago que o olhar. Ia já alta a noite, quando elle, despertando do seu triste scismar, se recolheu á dureza aspera de uma velha esteira.

Um mez depois que elle apparecera alli, naquella povoação longinqua, pôde o padre Lourenço arranjar-lhe, a custo, o humilde emprego de servente de pedreiro.

Posto nunca houvesse até então exercido nenhum officio manual, pois passara a vida, em meio de prazeres ininterruptos até a catastrophe que o fez cair no abysmo das provações, Eduardo, comtudo, se revelou um operario assiduo e infatigavel, tanto que o official, que o dirigia, estava satisfeitissimo com o seu serviço e já lhe havia tecido, em conversa com o vigario, os mais francos elogios.

Quando, em meio ao seu grosseiro e arduo trabalho, grossas bagas de suor, aos raios calidos do sol, se lhe escorriam do rosto, misturando-se com o barro que elle amassava, punha-se elle a cotejar a existencia de gozos faceis de outrora com a miseranda situação a que voluntariamente se via reduzido, e monologava, em arrancos de uma fé rediviva :

—Ah, meu Deus! Bem disseste ao primeiro homem: — «Comerás o pão amassado com o suor do teu rosto, porque tu és pó e em pó te has tornar.» O trabalho não é para as almas felizes sinão uma fonte de venturas. Mas, para mim, Senhor, que sou tão desgraçado, é um novo martyrio, a que me resigno, sómente para abrandar a tua colera. . .

Aquellas mãos, agora tão sujas de barro, quantas vezes não teriam, finas e enluvadas, comprimido docemente, no giro de uma valsa, a cintura esbelta e delgada das gentis paulistas?

Todos os domingos, á hora da missa, lá estava Eduardo ajoelhado a um canto da egreja. Assistia devota e compungidamente ao santo sacrificio e voltava depois para casa, sem falar com pessoa alguma.

O povo, ainda sob a impressão do terror supersticioso que elle lhe causara, evitava-o; e muitas velhas beatas, si, acaso, o encontravam no caminho, afastavam-se temerosas, persignando-se. Pouco a pouco, porém, foi-se desfazendo a lenda espuria que sobre elle havia bordado a credula imaginação popular e, acostumadas afinal com a sua presença, algumas pessoas, das mais affaveis da localidade, começaram a cumprimental-o e a dirigir-lhe a palavra.

Eduardo se mostrava arredio e esquivo a estas mostras de sympathy, e só conversava effusivamente com o reverendo parochó, a quem visitava com frequencia e que sempre o acolhia paternalmente.

Já havia pago ao vigario a divida pecuniaria que com este tinha contrahido, e todo o dinheiro, que lhe sobrava da sua parca subsistencia, entregava-lho para os pobres.

Para fortificar a sua alma contra as tentações do espirito das trevas, Eduardo, todas as tardes, ao voltar de sua tarefa diaria, sentava-se á soleira de sua porta e punha-se a ler attentamente a «Imitação», ou qualquer outro livro religioso, que o padre Lourenço lhe emprestára. Assim mesmo, porém, ainda Satan vinha incessantemente fazer-lhe suggestões maleficas, dizendo-lhe com a sua trega voz melliflua:

—«De que serve a vida de privações que estás passando? Por mais que soffras, nunca deixarás de ser um infame, um vil assassino! Abandona, pois, essa miseravel choupana e retorna á tua florescente Paulicéia, onde te esperam gozos e divertimentos mil, um mundo de venturas, emfim!»

Então o infeliz exilado tinha impetos de fugir áquella medonha solidão e regressar á terra natal, para esquecer-se do seu inqualificavel delicto ao ruido ebri-festante dos prazeres, para comprimir ao espoucar do champagne a voz clamante de sua consciencia culpada...

Nisto, acudiu-lhe á memoria que naquelle mesmo instante, alguém, que outrora se chamava Alice, e, então, era a irmã Angela de Jesus, callejava os joelhos nas frias lageas de um mosteiro, em fervorosa e ascetica contemplação... Era jo-

ven, era formosa, era rica, era feliz,—e elle lhe roubara tudo, despenhando-a do alto do seu paraizo terreno na triste solidão de uma clausura...

Então elle, que lhe tinha jurado regenerar-se, não havia de expiar aquelle monstruoso crime?...

O anjo bom ganhara a victoria.

Muitas vezes, no silencio feral das suas longas noites, vinha-lhe á mente, em vagalhões precipites, toda a hediondez do seu passado deploravel. Emvão revolviasse elle no seu duro leito... O somno fugia-lhe sempre, como para entregal-o melhor ao seu algoz—o remorso. E o infeliz se erguia, transpunha a porta do seu tugurio humilde, e, semelhante a um duende, dirigia-se a passos lentos para o Alto do Cruzeiro, verdejante collina situada alli perto e que devia o seu nome a uma grande cruz de madeira tanchada no seu cimo.

Lá, contemplando, á luz do luar, a villa que dormia beatificamente socegada, elle recebia na fronte, encandescida pelo tebrante supplicio moral, o doce contacto das brisas frescas, impregnadas dos perfumes subtis da floresta virgem, e muitas vezes a aurora o foi surprehender alli, guiando-o não mais para casa e sim para o trabalho.

Entre os habitantes da villa começou logo a circular o boato de que, a horas mortas da noite, apparecia no Alto do

Cruzeiro um phantasma negro, de proporções collossaes, que surgia de repente e se esvaecia como por encanto. . .

Esse phantasma não era outro sinão Eduardo.

XIX

EDUARDO esteve empregado como servente de pedreiro durante tres mezes. Ao fim deste tempo, foi despedido, por estar acabado o serviço.

Um dia, tendo necessidade de renovar a sua provisão de generos alimenticios, entrou num pequeno armazem em que se afreguezara, e, enquanto o serviam, chamou-lhe a attenção uma conversa que alli se travara.

—Vosmecê já sabe, seu Raymundo,— dizia um sujeito baixo e obeso ao dono do negocio, que estava do lado de dentro do balcão,—ha tres dias que temos a bexiga ahi na villa?...

—Tambem já ouvi dizer isso, seu Casusa. Mas bem me custa acreditar...

—Pois é verdade... Inda hontem foram quatro bexigentos para o hospital, por ordem do intendente. E seu doutor Venancio hoje de manhã me contou que os dois enfermeiros tambem caíram de cama, de modo que elles estão lá numa difficuldade dos seiscentos, porque ninguem se anima a ir tratar doentes de bexiga...

Neste ponto do dialogo, recebeu Eduardo as suas compras e tomou o caminho de casa. Andando bem de vagar, ia elle reflectindo no que havia de fazer, agora,

que estava desempregado, e não lhe saía da mente a noticia, que fortuitamente soubera, do apparecimento da variola.

Machinalmente dirigiu os olhos para o jornal que envolvia um dos pacotes de compras, e, de repente, estremeceu...

Era um numero recente da *Provincia do Pará*, em que vinha o seguinte :

—«Ha 15 dias, pouco mais ou menos, falleceu, numa das prisões de Pariz, o celebre bandido norte-americano John Williams, autor de varios assassinatos.»

Morrera, pois, o seu cumplice ! E elle, desgraçado, ainda vivia, para purgar o seu medonho delicto ! Aquelle pedaço de papel de embrulho foi como um bisturi, que lhe abriu a chaga do seu ingente padecimento moral... Passou a noite inteira revolvendo no espirito a tenebrosa tragedia em que elle fôra protagonista covardemente occulto e afinal descoberto... Ao suppedaneo do cruzeiro foi mais uma vez arrojarse em prantos, e, ao romper da aurora, apresentava-se á porta do hospital de variolosos, pedindo o logar de enfermeiro.

Por dois longos mezes grassou na villa a terrivel epidemia, e Eduardo, durante todo aquelle tempo, se mostrou de uma dedicaçã e solitudine inexcediveis para com todos os enfermos recolhidos ao isolamento.

Fechado o hospital, recebeu elle o seu ordenado e retornou á sua humilde chou-

pana. No dia seguinte, o padre Lourenço recebia de um anonymo a quantia de 100\$, para ser distribuida pelos indigentes da localidade, «afim de que rezassem pela salvação de um miseravel peccador», dizia a carta que capeiava a generosa esportula.

XX

ARES dias depois que se fechara o isolamento, num alegre domingo, todo inundado de sol, celebrava-se na pittoresca povoação uma festividade em acção de graças pela extincção do terrível morbus.

Consistia a solennidade numa procissão pomposa, que percorreria as ruas principaes da villa, todas ornadas de flores e arcos de folhagens garridas. A' entrada do presbitio religioso, prégaria o velho vigario um dos seus singellos mas tocantes sermões, cantando-se em seguida o *Te-Deum*. E, terminadas as ceremonias da egreja, queimar-se-iam no largo da Matriz muitos e variados fogos de artificio.

A' tardinha, quando o sol descambava no horizonte, envolto no seu amplo manto de ouro refulgente, começou a desfilar a procissão, com muita ordem e respeito, e, ao recolher-se á egreja, já Vesper scintillava num céu limpo de nuvens.

Eduardo assistira a todas as ceremonias religiosas ; quando, porêm, o povo se dirigia rumorosamente para a praça, onde se erguiam as baterias pyrotechnicas, elle se encaminhou tristemente para o seu ermo e distante casebre e sentou-se, como costumava, á soleira da porta.

O ar festivo da povoação lhe evocava á mente a sua ruidosa Paulicéia, tão for-

mosa, tão florescente, tão cheia de animação e de vida! Lá, ouviam-se a cada passo todas as linguas cultas do mundo, principalmente o doce, o musical italiano; entretanto, alli, naquelle recanto esconso da Patria, pulsava sómente o genuino coração brasileiro. Em vez do estrangeiro cupido e avaro, eram os bahianos e cearenses, gastadores e prosas, que vinham dos seringaes a gozar nas cidades o dinheiro ganho no profundo das hyléias. Que seria de S. Paulo,—pensava elle,—em futuro não muito remoto, sob a acção daquella forte corrente immigratoria?

E, de divagação em divagação, o seu pensamento se voltou, afinal, para o seu velho pae, que, áquella mesma hora, talvez, si accaso já não tivesse morrido, ralado de desgostos, estaria suspirando pelo filho que elle tanto estremecia e que devera ser o consolo e o arrimo dos seus ultimos dias...

Depois, lembrou-se tambem dos amigos, que, áquelle momento, com certeza, perdidos no bulicio das *brasseries* e na azafama dos cafés, fumavam bons charutos, rescendiam a extractos capitosos, contemplavam o madamismo elegante que passeiava pela rua Quinze e, nem por um instante siquer, se recordariam delle,—a quem um crime de amor degredara para a solidão, prendendo-o ao poste do mais insupportavel martyrio.

Já não era só a garra adunca do remorso inexoravel que lhe retalhava agora o coração agoniado:—minava-o tambem a mais intensa nostalgia.

-Nisto, a lua, como uma hostia de luz suspensa no calice azul do infinito, se levantou por detrás do Alto do Cruzeiro. Os seus raios opalinos bateram em cheio nas rugas prematuras do rosto de Eduardo, todo banhado em lagrimas amargas...

Alçando ao céu os macerados olhos, exclamou :

—Ainda não estará satisfeita a tua justiça, ó Deus? Já não tenho soffrido assás as consequencias de minha medonha iniquidade? Extende por sobre mim, Senhor, as asas santas do teu perdão!

Mal terminava elle a sua supplica á Divindade, uma densa nuvem, que apparecera inopinadamente, occultando o astro da noite, deixou-o mergulhado em trévas. Até a lua o abandonava na sua lancinante angustia... Estaria ella tambem envergonhada de illuminar a face do covarde homicida?!

E o desgraçado, sem ninguem que lhe trouxesse um lenitivo, nem uma esposa dedicada, em cujos hombros descansasse agora a cabeça febril, nem filhos que o cobrissem de caricias, nem amigos que lhe dissessem palavras de conforto, sentiu, então, mais do que nunca, o horror da solidão e do abandono.

Mergulhando o rosto entre as mãos, entregou-se ás suas sombrias meditações...

Retrocedeu ao seu passado e viu deslisarem-lhe deante dos olhos, como num cosmorama de feira, todas as phases de

sua vida. Reviu-se pequenino, sentado nos joelhos da mãe extremosa, que o beijava repetidas vezes, afagando-lhe a face e brincando-lhe com os anéis louros do cabello; depois o collegio, mais tarde a academia e, simultaneamente, os seus desvios de menino e de rapaz, as suas orgias, as suas mil estroinices,—tudo se lhe revelou de novo no painel da imaginação escaudada. Em seguida, entenebreceu-se o scenario e elle assistiu, apavorado, ao drama sinistro do assassinato que elle fizera commetter. Appareciam-lhe, com uma insistencia tenaz, o cadaver ensanguentado de Renato e a figura de Alice desfallecida. Do fundo do tablado adeantou-se ao proscenio um phantasma negro — o Remorso—e, com um estylete enrubescido ao fogo, gravou-lhe na fronte esta palavra maldita — « assassino! » E, depois, novos horrores o esperavam ainda. Lembrou-se do terrivel momento em que recebeu das mãos de Alice a prova do seu crime e do dia em que abandonara S. Paulo. Recordou-se da sua longa e penosa viagem e de sua chegada a Labréia, onde o fortuito encontro com o padre Lourenço o determinara a ficar; da desconfiança e terror que causara aos habitantes ingenuos da villa; da humilhação que soffrera, vendo-se tido por gatuno e, como tal, conduzido á cadêia, por entre os insultos da populaça; do sacrificio que fizera, trabalhando como servente de pedreiro e indo logo depois expor a sua vida no tratamento dos variolosos; das horriveis privações, das continuas vigalias e, mais que tudo isso, daquella saudade vaga e inde-

finível, que se lhe implantara cruelmente no imo do coração e no fundo da alma...

—Tudo isto,—perguntava elle,—posto na balança da justiça divina, já não seria sufficiente para estabelecer o contrapeso de seu crime? Emvão procurara a morte, desejando ser victimado pela variola... Deus o punia, obrigando-o a viver aquella vida torturante...

Todas estas tetricas reflexões occuparam por longo tempo o pensamento de Eduardo, que continuava immovel, como a estatua do desespero, á soleira da sua cabana rustica.

Eram já acabados os festejos.

Não se ouviam mais os alegres sons da banda de musica, nem o estrugir das girandolas, nem o estourar das baterias. Os habitantes já se tinham recolhido ás suas casas, e a villa, descansada dos rumores festivos, estava mergulhada no mais completo silencio.

Eduardo, fatigado daquella exhaustiva contensão de espirito, modorrava. Mal se lhe cerraram as palpebras, elle viu, num sonho fugitivo, a imagem de um anjo formosissimo, cujo rosto era o rosto de Alice, o qual, cobrindo-o com as suas niveas asas arminhosas, lhe traçou sobre a fronte o signal do perdão. Eduardo sentiu infiltrar-se-lhe por todos os póros do corpo uma suavidade extranha, uma doçura maravilhosa, uma calma inexprimivel...

Despertou, subito, e, abrindo os olhos quanto podia, para contemplar melhor a

face angelica que tão candidamente lhe sorrira, viu apenas, bem no alto do céu, a lua cheia, com seu fulgido cortejo de myriades de estrellas.

Mas, agora, parecia-lhe que a natureza havia recobrado a sua poesia de outros tempos. O rio marulhava mais docemente e a mata virgem tinha amavios sonoros e perfumes novos. O brilho dos astros era mais intenso; a cruz, posta no apice da collina proxima, tinha revérberos suaves; e a propria choupana em que elle morava tinha o aspecto de uma vivenda de amor, destinada a aninhar, em tepido aconchego, a felicidade de um casal arrulhante. . .

Eduardo, de pé, com o rosto inundado pelos raios de prata do luar, estava como que metamorphoseiado. Já não se lhe via o traço das lagrimas ardentes que chorara; as rugas, que lhe vincavam precocemente a face, tinham-se esvaecido, e nos labios, onde antes só havia um rictus contrafeito, brincava-lhe agora um sorriso bom. . .

Era tão extraordinaria a deliciosa sensação que experimentava, em meio áquelle concerto harmonioso do ambiente, que elle perguntava a si mesmo—si não era o seu sonho que continuava. . .

Nisto, chegaram-lhe aos ouvidos os sons plangentes do sino grande da matriz, quebrando a mudez pacata daquella noite enluarada com um repentino e insistente rebate.

Eduardo voltou os olhos para a povoação adormecida e, como que impellido por uma força irresistível, deitou a correr no rumo de um intenso clarão avermelhado, que se divisava não muito longe dali.

DESPERTADOS pelo incessante badalar do sino, abriram os habitantes da pittoresca povoação as suas portas e janelas e entreperguntavam-se, assustados, o que teria acontecido. A' resposta de que se tratava de um incendio no bairro da Ponte, corriam todos os homens válidos a juntar-se aos que se dirigiam ao local indicado.

Era um espectáculo horrivelmente bello o que se apresentava aos olhos estupefactos do povo. Uma casa de sobrado era prêsa das chammas, cujos clarões enormes a illuminavam sinistramente de todos os lados. Ateiara-lhe fogo uma das girandolas queimadas na praça, e já o fumo ennegrecia o ar em densos turbilhões. As labaredas, como serpentes diabolicas, galgavam vertiginosamente as paredes do edificio, crepitando seccamente e espalhando á grande distancia milhares de scentelhas rubras. Pareciam grandes linguas vermelhas que estalassessem de encontro aos labios, por haverem provado appetecido nectar. . . .

Eduardo fôra um dos primeiros a chegar e alli já encontrara muitas pessoas que se cruzavam por todos os lados, uns em busca de escadas, outros de baldes, para a extincção do incendio.

O fogo começara num puxado contiguo á cozinha e invadira rapidamente a maior parte da casa, mal dando tempo ás pes-

soas, que se achavam no andar terreo, de correr para a rua, sem mais detença. Alli morava uma senhora abastada e de boa familia, que tinha enviuvado havia pouco tempo e cujo unico filhinho estava no seu pequeno berço, no andar superior, quando o incendio irrompera.

A pobre mãe, que não pudera retirar a tempo a criança, arrancava os cabellos numa desesperação incoercivel e gritava por entre lagrimas e soluços:

—Meu filho! Salvem meu filho, pelo amor de Deus! Elle está alli...

E apontava para uma janela do sobrado, na fachada ainda não attingida pelas chammas...

—Já foram buscar escadas... Socegue, que o seu filho será salvo,—lhe diziam os circumstantes, tentando por todos os meios tranquillizar-a e impedir-a de ir atirar-se às labaredas, para retirar a criança.

Mas as escadas não chegavam, e o fogo crescia em proporções assustadoras.

—Quem salva meu filho?,—clamava a desventurada senhora, olhando supplice para todos os espectadores daquela scena inenarravel.

—Eu!,—respondeu uma voz sonora e vibrante.

E, ao clarão sinistro das labaredas estalejantes, viu-se o vulto alto e corpulento de Eduardo atravessar apressadamente a multidão e penetrar na casa.

Um murmúrio de admiração saiu de todos os lábios.

Passaram-se tres minutos que pareceram tres seculos.

—Coitado! Está tambem perdido!..., — exclamaram tristemente os circumstantes, tomados de commiseração pela sorte do intrepido moço e da inditosa criancinha.

A mãe, vendo desaparecer o unico homem que se arrojara a salvar-lhe o filhinho, caiu desmaiada em terra.

Todos os olhares estavam cravados na casa e a anciedade era geral.

Nisto, abriu-se a janela do sobrado e appareceu Eduardo com o menino nos braços.

Correndo o risco de ser asphyxiado pelos bulhões de fumo, conseguira elle, com algumas queimaduras nas mãos e na face, galgar a escada interior e penetrar no quarto onde se achava a criança e tiral-a do berço. Mas a janela era muito alta, e voltar por onde entrara era ir ao encontro de uma morte inevitavel. Que fazer então? Occorreu-lhe subito uma idéia feliz: — arrancou os lençoes de uma cama que alli se achava, dobrou-os depressa, ligou-os uns aos outros, e, amarrando nelles, solidamente, o pequeno pela cintura, correu á janela.

Ao vel-o alli, com a criança nos braços, um brado de immensa satisfacção rompeu unisono do povo.

Eduardo, em pé e inclinado para fóra, sereno, imperturbavel, começou a descer lentamente o menino, para não magual-o.

Centenas de braços se ergueram para apanhar o precioso fardo, tão milagrosamente escapo ao furor das chammas.

De lá, do alto da casa, Eduardo avistara entre os espectadores a figura bondosa do padre Lourenço, o qual, com o olhar ancioso, lhe acompanhava os menores movimentos.

— Ande, desça, não ha tempo a perder!, — gritaram do seio da multidão, sem considerarem que a altura da janela não lhe permittia descer sem o auxilio de uma escada.

Eduardo ergueu os olhos para o céu. O seu semblante estava transfigurado. Assim, com a cabeça descoberta e a barba loura fluctuando, elle, illuminado pelos rubros clarões do incendio, similhava um martyr dos tempos primitivos do christianismo, posto ao supplicio horrendo da fogueira.

Estava realmente bello, estava sublime!

Tinha outrora dado a morte ao esposo querido de uma joven ditosa, que elle tambem amava. Soffrera muito e cria ter já expiado o seu atroz delicto. Agora, arrancava uma criança das garras da morte e a restituia á sua mãe angustiada... Estava cumprida a sua missão terrena. A sua alma anciava por deixar o envolucro mortal e evolar-se á celeste mansão...

Finalmente, appareceu ao longe um individuo trazendo aos hombros uma escada. Muitos dos circumstantes, entre os quaes o bondoso vigario, correram ao seu encontro e transportaram, ás pressas, a escada para junto da janela.

Mas... era tarde! O tecto se abatia com medonho fragor, e os homens, que se tinham approximado do edificio, se afastaram rapidos, menos o padre Lourenço, que, aprumando a acurvada estatura e erguendo o braço, lançou de cá de baixo a absolvição sobre Eduardo, que, olhos no céu, immovel e calmo, como num extase arrebatador, desapparecia pouco a pouco sob os escombros da casa,—purificado pelo sacrificio santo do dever altruisticamente cumprido.

Quando já não se via mais nada sinão o serpenteiar vertiginoso das chammaes crepitantes sobre aquelle montão de ruínas, o padre Lourenço ajoelhou-se, para rezar uma oração ardente pela alma de Eduardo, —cuja tetrica desventura elle conhecia melhor que ninguem,—e o povo o acompanhou, consternado, naquella fervorosa prece...

Tendo á sua frente o venerando vigario, a multidão enorme se foi afastando, commovida e respeitosa, da casa incendiada, e, á luz resplendente de um luar vivissimo, que parecia palpitar de amorosa alegria na abobada constellada, o padre Lourenço bradava com a sua doce voz entristecida, e todo o povo repetia monotonamente:

—Orae por elle! orae por elle!...

FIM



Deste livro foram impressos apenas 500 exemplares, dos quaes a autora offereceu 50 a cada uma das seguintes associações :

- 1) *Lyceu de Artes e Officios,*
 - 2) *Asylo de Orphans da Santa Casa e*
 - 3) *Hospital de Morpheticos*
- } *de Campinas*

e

- 4) *Associação Beneficente Feminina e*
 - 5) *Caridade*
- } *de S. Paulo*
-

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).